



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE CENTRO DE
FORMAÇÃO DE PROFESSORES UNIDADE ACADÊMICA DE
CIÊNCIAS SOCIAIS CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM
HISTÓRIA**

TAYWANY GOMES ALVES

**BRASIL PARALELO: AS NOVAS DIREITAS NA ERA DA PÓS-
VERDADE**

**CAJAZEIRAS-PB
2023**

TAYWANY GOMES ALVES

**BRASIL PARALELO: AS NOVAS DIREITAS NA ERA DA PÓS-
VERDADE**

Monografia apresentada à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em Licenciatura Plena em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de nota.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosilene Alves de Melo

**CAJAZEIRAS-PB
2023**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

A474b	Alves, Taywany Gomes. Brasil paralelo: as novas direitas na Era da Pós-Verdade / Taywany Gomes Alves. – Cajazeiras, 2023. 74f. Bibliografia. Orientadora: Profa. Dra. Rosilene Alves de Melo. Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2023. 1. Retórica e discurso. 2. Pós-verdade. 3. Negacionismo científico. 4. Historiografia. 5. Fake News. 6. Novas direitas - Cenário midiático. 7. Produção negacionista. 8. Ceticismo científico. I. Melo, Rosilene Alves de. II. Título.
UFCG/CFP/BS	CDU – 808.51

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

TAYWANY GOMES ALVES

BRASIL PARALELO: AS NOVAS DIREITAS NA ERA DA PÓS-VERDADE

Aprovado em: 14/11/2023

COMISSÃO EXAMINADORA

Rosilene Alves de Melo

Profa. Dra. Rosilene Alves de Melo – UFCG
(Orientadora)

Camila Corrêa e Silva de Freitas

Profa. Dra. Camila Corrêa e Silva de Freitas – UEPE
(Examinadora)

Osmar Luiz da Silva Filho

Prof. Dr. Osmar Luiz da Silva Filho – UFCG
(Examinador)

Prof. Dr. Danilo Linard Teodoseo – UFCG
(Suplente)

**CAJAZEIRAS-PB
2023**

Dedico este trabalho aos meus avós, Tuica e seu Zezinho (In Memoriam).

AGRADECIMENTOS

“Faça um pedido e o guarde no coração. Qualquer coisa que você quiser. Tudo que você quiser. Você o fez? Ótimo. Agora acredite que ele vai se realizar. Você não sabe de onde vai surgir o próximo milagre, o próximo sorriso, o próximo desejo realizado. Mas se você acreditar que está logo ali...E abrir a mente e o coração para a chance de acontecer... Para a certeza de acontecer...Você pode conseguir aquilo que pediu. O mundo está cheio de magia. Você só precisa acreditar nela. Então, faça o seu pedido. Você o fez? Ótimo. Agora acredite nele. Com todo seu coração”. Meus agradecimentos começam com uma citação de One Tree Hill, sem pender para a razão ou um viés religioso, eu me seguro aqui totalmente no sentimentalismo, encho meu coração com a totalidade do meu intelecto, da minha vontade, da minha gratidão e desejo de que todos se agarrem ao seu pedido.

Nem se eu quisesse eu poderia abarcar tudo e todos, tal como um milagre que eu não sabia ter desejado e passaram pela minha vida durante esses 5 anos de curso e contribuíram para minha formação acadêmica e pessoal.

Agradeço a minha mãe Maria do Socorro Gomes Sarmiento, e ao meu pai Francisco Alves da Silva, que me proporcionaram tudo que eu poderia precisar e pedir, mas principalmente pela pessoa que sou hoje, com a educação que me deram, por serem exemplo e referência de obstinação, sempre me apoiando e me amando em cada escolha e cada consequência.

Agradeço às minhas irmãs Taynara e Thalyta, a Taynara minha irmã (alma) gêmea que não me deu um momento de paz desde o momento que nascemos, com o tempo e amadurecimento eu percebi que você é o meu momento de paz. A Thalyta por ter vindo logo em seguida e completado esse trio, que puxou todas minhas qualidades (há quem diga defeitos também), e que me fez querer sempre ser melhor para fazer jus ao exemplo que você merece. E claro, a minha Blarzinha luz da minha vida.

Agradeço a minha família, minhas tias Sebastiana, Cosma e Damiana, que me criaram e me mostraram o significado de amor incondicional, sem vocês eu nada seria. A minha tia Núbia e aos meus tios Damião (Bozano), Francisco das Chagas (Badaga) e Raimundo Neto (Bebel), que construíram uma base sólida para que eu pudesse me apoiar não importa a situação.

Agradeço às minhas tias Fátima, Socorro e Lúcia, cujo trabalho me inspirou desde a infância e me motivou a seguir o mesmo caminho, difícil caminho, da educação e

principalmente dessa profissão de professora, assim como foi repassado a vocês pela minha avó Zilma.

Agradeço aos meus primos, Erli Neto e Beatriz que sempre estiveram comigo desde as brincadeiras na rua, as dificuldades na escola, a adaptação à universidade e a vida adulta, sentar na calçada com vocês e falar sobre os problemas da vida faz tudo parecer mais fácil de enfrentar. Agradeço às minhas amigas e amigos, Luciana, Stefany, Ana, Eloisa, Bianca, Mariana,

Ozeny, Jennifer Luiza, Jadiana, Yasmim, Maiza, Josy, Allif e Léo. Ao Centro Acadêmico de História, gestão Carlos Marighella (2022-2023), especialmente a Kaliene e a Talita. A Manu e a Vitoria Duarte que assim como todos, mas inesperadamente tomaram um espaço tão grande no meu coração, obrigada pelo apoio.

Agradeço a Afonso e Camila por serem tão insuportáveis como eu e não me deixarem sozinha mesmo à distância.

Agradeço a minha turma 2018.2, a todos os que foram e a todos os que ficaram, que são tantos pra nomear, mas estão para sempre na minha memória. Ao Rodrigo, Wigna, Kelly, Elson, Michelle, Erica, Patrick e aos que terminam comigo essa jornada, Katiana, Larissa, Rafaela, Saniel, Sabrina, Geraldo, Walber, Luan, Vitória Sarmiento, Zé Carlos e vários outros. Sobretudo a Vitória Maria que foi minha companheira, amiga, dupla e segurou o peso dos céus comigo.

Agradeço a Família Valença, a Marlene, Eloisa, Matheus e Zero, por me acolherem e me darem um novo lar, pra vocês não tenho como expressar toda minha gratidão e amor.

Agradeço a Mariana Valença Félix, que chegou na minha vida na hora certa e *No matter how they toss the dice, it had to be*, tão qual na música do The Turtles, ou uma encenação em Mamma Mia cantando *S.O.S*, não consigo me lembrar de nenhum momento onde não pude contar contigo, pois você é o marco zero da pessoa que aqui escreve, pra você nenhum espaço e tempo será o suficiente para passar te agradecendo.

Agradeço aos professores do curso de História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras. A vocês todo meu respeito e admiração, obrigada pela minha formação. Assim como a minha orientadora Rosilene Alves de Melo, que mesmo nas piores circunstâncias acreditou no meu trabalho e me encorajou a me matricular na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, quando eu achava que teria que adiar, obrigada.

Agradeço a Camila Corrêa e Silva de Freitas, que com a sua sabedoria, beleza e enorme poder, aqui relaciono ao poder de compreensão, abnegação, ética e apoio. Sempre esteve presente quando precisei, seus conselhos e abraços me trouxeram calma e adormeceram minhas inquietações incessantes, para a senhora (não me bata por te chamar de senhora) *“Palavras na minha não tão humilde opinião são nossa inesgotável fonte de magia..”*, que sua magia se perpetue nessa sua nova jornada, obrigada por me mostrar o caminho como ele é, na simples realidade da aceitação e superação dos obstáculos.

Por fim, agradeço ao meu avô Zezinho por ter me mostrado a força que eu não sabia que tinha e por sempre acreditar na sua “Dôtor”, cada ato seu em vida foi uma prova de humildade e amor. Agradeço a minha avó Tuica que durante os cinco anos de curso foi a que mais me apoiou, eu te perdi vó e cada palavra escrita aqui foi um corte que aumentava a dor da sua partida, esse trabalho foi iniciado e terminado em luto, mas feito por você, aqui está expressada toda força que eu consegui juntar, aqui está a sua neta em toda a glória da finalização de um ciclo.

Obrigada a todos. *“afinal, aquilo que amamos sempre será parte de nós.”* (J.K. Rowling).

“Para olhos tortos, a realidade pode ter um rosto desvirtuado.”

(John Ronald Reuel Tolkien)

RESUMO

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, é realizada uma análise sobre o conceito de pós-verdade, utilizando obras de autores como: Sônia Meneses (2020), Vera Alves Cepêda (2018) Michel Certeau (2002), Christian Dunker (2017) e Mario Sergio Cortella (2020), a fim de uma reflexão crítica sobre a sua influência na história. Representa-se através do negacionismo científico e das Fake News, a fim de compreender como afetam as produções e investigações históricas, explorando sua ação na sociedade, dando ênfase a política e nos acontecimentos a partir de 2016 até 2023, evidenciando a importância dessa análise mediante o momento de ceticismo científico. A metodologia aplicada é o procedimento de coleta de dados, realizando uma investigação demonstrativa, utilizando-se da perspectiva teórico-metodológica sendo representada pelas análises dos discursos das novas direitas, mais especificamente vinculadas a plataforma Brasil Paralelo, empregando conceitos como o de Teoria da História, historiografia, crítica, pós-verdade e negacionismo. Os objetivos são realizar uma pesquisa qualitativa com uma análise de discursos especialmente presentes no meio midiático, para expor a forma de atuação dessa ideologia através da manipulação dos discursos, sendo utilizados da retórica e narrativa como forma de persuasão das massas. É incontestável a necessidade da contribuição para uma historiografia teórica e crítica, sendo aplicado um conjunto de fontes bibliográficas, que comprovam a atuação das novas direitas no cenário midiático, utilizando das redes sociais como ferramenta de difusão de falas revisionistas e negacionistas históricas em prol de manter a imagem de uma direita salvadora da pátria e do Estado, frente ao desequilíbrio socioeconômico que teve início com as diversas manifestações ao longo do mundo na última década.

Palavras-chave: Pós-verdade; Negacionismo; Historiografia; Fake news; Novas direitas.

ABSTRACT

In this final paper, an analysis of the post-truth conception was carried out based on authors such as Sônia Meneses (2020), Vera Alves Cepêda (2018), Michel Certeau (2002), Christian Dunker (2017) and Mario Sergio Cortella (2020), to discuss critically its importance to History. It represents itself through scientific denials and fake news to understand how it affects historical productions and inquiries, exploring its action in society, emphasizing politics and events that occurred from 2016 to 2023, and highlighting the analysis's importance in the face of scientific skepticism moment. The methodology applied is data collection procedures, carrying out a demonstrative investigation using the theoretical-methodological perspective, being represented by the analysis of the speeches of the new rights, more specifically linked to the Brasil Paralelo platform, using concepts from the Theory of History, such as the of historiography, criticism, post-truth, and denialism. The purpose is to do qualitative research with an analysis of discourses present in the media, exposing how this ideology operates by manipulating discourses, and employing rhetoric and narrative to persuade the masses. The need to contribute to theoretical and critical historiography is undeniable, applying a set of bibliographical sources which prove the action of the new rights in the media scene, using social networks as a tool for disseminating historical revisionists and denialists to keep the image of a right-wing savior of the country and the State, in the face of the social-economic imbalance that began with the various demonstrations throughout the world in the last decade.

Key-words: Post-truth; Negationism; historiography; Fake news; New rights.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 - PÓS VERDADE, RETÓRICA E NARRATIVA: AS NOVAS DIREITAS E A INFLUÊNCIA DOS RECURSOS MIDIÁTICOS NA PRODUÇÃO NEGACIONISTA	15
1.1 A pós-verdade uma apresentação conceitual	16
1.2 Retórica e discurso: Como se constroem as narrativas históricas na contemporaneidade	22
1.3 A ascensão das novas direitas e a guerra das narrativas	27
CAPÍTULO 2: A CONSTRUÇÃO DE UMA ERA NEGACIONISTA.....	31
2.1 As movimentações ideológicas e o cenário político internacionalmente.....	33
2.2 O contexto brasileiro e a intensificação da polarização política.....	39
2.3 Mídia como instrumento político oficial da direita	45
CAPÍTULO 3 - ASCENSÃO DAS NOVAS DIREITAS: O USO DAS MÍDIAS COMO FERRAMENTA DE MANIPULAÇÃO.	51
3.1 A influência da Mídia na escrita da história e o Brasil Paralelo	52
3.2 Análise dos discursos presentes nos artigos da plataforma Brasil Paralelo.....	57
3.2.1 O que Paulo Freire defendia?.....	57
3.2.2 Uma esquerda totalitarista e fascista? Conheça o autor que se decepcionou com o PT e hoje critica a ditadura do pensamento único	61
3.2.3 A história da Maria da Penha pode ter mais nuances do que parece à primeira vista	63
3.3 Uma reflexão sobre as análises e a importância do pensamento crítico	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS.....	69

INTRODUÇÃO

Considerando a amplitude crescente de tendências negacionistas, como por exemplo, o negacionismo do Holocausto, negacionismo da Ditadura civil-militar no Brasil, entre outros acontecimentos, torna-se necessária a promoção de debates e trabalhos relacionados a essa área, na intenção de discutir e combater as narrativas infundadas que surgem a partir disso. Pensando nisso, realizou-se uma análise sobre o conceito de pós-verdade, a qual se encontra em processo de ascendência demasiada durante todo esse século XXI, também marcado por este momento em que a história é posta em contestação por grupos revisionistas que buscam desacreditar os fatos.

Veremos então a influência e proporção que recai sobre os historiadores e historiadoras, assim como, posteriormente na escrita da história, no qual por meio das redes sociais, estas se tornaram ferramentas da ideologia da nova direita a qual teve um avanço sem precedente no cenário global e nacional, datado a partir de 2011 no Oriente e 2013 no Ocidente. Ademais, esta pesquisa busca propor uma reflexão concreta sobre os efeitos da era da pós-verdade perante a historiografia sob o efeito do revisionismo e da manipulação das informações, utilizando como base para essa discussão a narrativa criada pela plataforma de distribuição de informações conhecida como Brasil Paralelo.

Para tanto, considera-se um dos sentidos mais comuns acerca da história, entendendo-a como a ciência que estuda a ação do homem através do tempo, e o orienta através do tempo e espaço. Dessa forma, o estudo realizado pretende gerar uma análise crítica em contrapartida as produções tendenciosas sobre os acontecimentos que resultaram no desenvolvimento de uma recente pseudo-história, pois foi ao decorrer dos anos com o surgimento de novos métodos de disseminação de informações, que facilitou o acesso a discursos duvidosos, gerando uma base de opiniões próprias fundadas somente sobre a argumentação do achismo e discursos falsos, ocorrendo tal ato todo o conhecimento histórico é posto de lado, dando espaço a essas narrativas de bases frágeis e incertas.

Tendo isso em vista, em 2016 a pós-verdade se destaca, sendo considerada a palavra do ano pelo dicionário de Oxford. Considera-se então que os fatos não têm mais importância, ou seja, achismos, crenças e ideologias têm mais relevância sobre as pessoas, se ampliando frente a descredibilização dos historiadores e historiadoras fundamentais na produção historiográfica de fatos sólidos e comprovados, que agora são ignorados. Tal fato possibilitou o espaço que a nova direita necessitava para adentrar no cenário político, algo que aconteceu

gradativamente e ganhou força nos últimos anos. Essa ideologia soube aproveitar o momento de fragilidade política e social, ganhando força com a promessa de uma reforma que através de extremismos

“salvaria” o Brasil.

Esses atos possuem um peso sem precedente na estrutura da sociedade, é evidente que as pessoas estão deixando cada vez mais de lado o conhecimento científico para recorrer a informações sem fundamentos, diversos autores já trataram da pós-verdade, e de como ela age quando inserida no meio social e político. O objetivo dessa pesquisa é mostrar como ela afeta a escrita da história, nas pesquisas, nas produções, no conhecimento histórico, e evidenciar a urgente necessidade de contestar essa manifestação que se forma cada vez mais na estrutura da sociedade. Realizando através de uma observação no panorama político e da sua atuação na mídia, finalizando com o produto dessa ação examinando a apresentação dos conteúdos gerados pela plataforma Brasil Paralelo, um dos principais meios de publicidade das novas direitas e de difusão de um revisionismo completamente negacionista.

A proposta de estudo do tema geral, pós-verdade e a ascensão das novas direitas, é uma crítica relacionada não somente a realidade que vivemos, mas também remete a uma construção de todo o contexto histórico necessário a ser exemplificado por relacionar tais acontecimentos ao conceito inexistente no passado, mas que já estava ativo de outras formas e com outros nomes. Para encontrar esse objeto de estudo, busquei algo que seja preciso no meio acadêmico, histórico e social, desenvolvendo uma pesquisa que gera não somente uma reflexão crítica, mas também discussões e interesse sobre o tema, pois vejo que dessa forma se torna possível uma construção de conhecimento livre de manipulações e inverdades, portanto seguindo esse pensamento, entendo que a principal contestação é a importância e manifestação da historiografia frente esse momento.

Parto também da necessidade de refletir sobre nosso processo de aprendizagem no âmbito acadêmico, que deve incentivar não só a discussão de textos, mas também a construção de pesquisas nessa área. Tal fato é evidente quando observado que mesmo os alunos do curso de graduação em história, muitas vezes tendem a reproduzir uma narrativa que não conhecem de fato, apenas porque ela vem sendo comentada em sala e não necessariamente estudada e analisada. Desde o início da formação estamos presos nessa tendência de ensino conteudista ainda presente seguindo as aulas do ensino básico em que muitas vezes se voltam para a construção de um conhecimento engessado, mas é esperado que

a partir do exercício de uma construção crítica e analítica dos fatos, dê-se a devida atenção ao que está mais próximo de nós.

Com isso, nosso entendimento sobre cursar história acaba sendo afetado a partir do momento no qual relacionamos, o passado, o presente e o futuro, isso porque quando colocamos aquele dito de que a história estuda a ação do homem através do tempo, tendemos a nos prender ao passado. Esse ponto é o que torna tão difícil pesquisar sobre a história do tempo presente, pois nessa área os historiadores atuam enquanto pesquisadores e escritores da história simultaneamente, concomitante com o entendimento de que é por meio desses três tempos que nós estudamos o que passou e como isso afeta o presente, para a partir de tal fato pensar o futuro.

É começando da nossa própria formação que é perceptível como é necessário a criação de mais produções científicas, pois, estive diante a falta de pesquisas acadêmicas que relacionassem este problema que foi estruturado ao decorrer da nossa civilização, o qual como consequência atualmente apaga e distorce nossa própria existência. Embora enfrente-se dificuldades como a falta de fontes, deixo a provocação, como lutar contra inverdades sem obter fatos e comprovações? Por isso, quanto mais fácil o acesso a materiais, livros, revistas, artigos, sites online e etc, maior será a quantidade de pessoas buscando, lendo e compartilhando a verdade, com isso espero que essa monografia seja um facilitador e uma referência para futuros trabalhos acadêmicos, na esperança de que todos sejam envolvidos e instigados a pesquisar da mesma forma que eu fui.

Quanto à metodologia da pesquisa, a proposta é de um trabalho do tipo exploratória, pois ela é capaz de proporcionar “[...] maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (Gil, 2002, p. 41). Sendo assim utilizada quanto aos procedimentos na coleta de dados, uma série de informações que serão aplicadas a pesquisa do tipo bibliográfica e documental.

É necessário então uma investigação demonstrativa, pensando na urgência dessa pesquisa o objetivo geral buscar realizar através de uma análise bibliográfica, que irá refletir e discutir sobre as consequências da pós-verdade perante a essa narrativa criada, mais especificamente quais os desafios enfrentados para desenvolver novas pesquisas científicas e sobre qual possibilidade deve ser seguida ou criada, vendo que numa conjuntura de contestação da ciência e da pesquisa devemos questionar, afinal, como é afetada a escrita da história? Qual o meio de combate mais eficiente dado o contexto histórico e prejudicial dessa ideologia?

Dessa forma, esse trabalho foi estruturado em três capítulos principais, no qual o primeiro capítulo desenvolve qual o papel da pós verdade, das fake news e negacionismo na construção de uma ideologia, onde veremos como a pós-verdade e as narrativas infundadas, com o auxílio da retórica, passam a serem operadas de forma tendenciosas sendo utilizadas como uma ferramenta ideológica das “novas direitas”, resultando no negacionismo e na criação de fake news, afetando diretamente a historiografia.

No segundo capítulo, será desenvolvido o contexto político no qual essas ferramentas são postas em ação, entendendo como os conceitos ideológicas conhecidos como esquerda e direita, não só se polarizam como também se expandem formando outras vertentes, tendo foco na ascensão das novas direitas, entendendo suas atuações quando analisado seu contexto político internacional e nacional, percebendo como foi possível a guinada da direita através do uso dos discursos, das narrativas e das mídias.

No terceiro e último capítulo, busco apresentar essa atuação de uma forma mais efetiva e exemplificada, por meio de um estudo de caso que trata de analisar as questões políticas e ideológicas e suas ações quando aplicadas e examinadas por meio da plataforma de informações intitulada Brasil Paralelo, que revela por meio de uma investigação dos artigos presentes no site uma série de conteúdos revisionistas e negacionistas, produzidos por apoiadores dessa nova direita. A escolha dos artigos foi baseada na amplitude da análise, dessa forma, foram analisados artigos que vão desde educação, política e assuntos do dia a dia, o objetivo é que as pessoas que se interessam nas temáticas consequentemente se abram a ideia de fazer a leitura de uma crítica sobre as mesmas.

CAPÍTULO 1 - PÓS VERDADE, RETÓRICA E NARRATIVA: AS NOVAS DIREITAS E A INFLUÊNCIA DOS RECURSOS MIDIÁTICOS NA PRODUÇÃO NEGACIONISTA.

A história estuda a ação do homem através do tempo, servindo de bússola ela o orienta através do tempo e espaço, seguindo essa definição pensar o conceito de história se torna algo muito difícil pois, carrega um sentido polissêmico, já que se encontra sempre em uma possível redefinição a depender de quem o utiliza (Torres, 2007). Este conceito foi escolhido pela sua capacidade de produzir uma reflexão sobre como as ações da humanidade geram consequências ao longo do tempo. Nesse sentido, esse estudo é realizado a fim de produzir uma análise crítica sobre os acontecimentos que resultaram no desenvolvimento de uma recente pseudo-história embasada na ideia de pós-verdade e de um revisionismo histórico.

Para tanto, é preciso destacar que ao decorrer dos últimos anos 2016-2023 surgiram novos modos de disseminação de informações, o que facilitou o acesso não só a história e seus fatos, mas também a discursos duvidosos, gerando uma forte base de opiniões próprias fundadas somente sobre a argumentação do achismo. Diante disso, desponta uma questão prejudicial para a sociedade, em que todo o conhecimento histórico é posto de lado, dando espaço a narrativas infundadas, algumas delas exploradas no desenvolvimento desta pesquisa.

Assim, o presente capítulo inicia-se com uma análise historiográfica da pós-verdade, considerando a amplitude crescente de pseudo-histórias, busca-se entender quando, como e porque foi desenvolvido esse fenômeno. Bem como isso está relacionado ao que pode ser chamado de “guerra das narrativas”, onde a retórica e o discurso são operados de forma tendenciosas se tornando uma ferramenta ideológica utilizada pelas “novas direitas”, resultando no negacionismo e na criação de fake news.

1.1 A pós-verdade uma apresentação conceitual

Este tópico pretende desenvolver e analisar a trajetória historiográfica que envolve o surgimento, as definições, significados e usos da pós-verdade, a fim de compreendê-los e inserilos no contexto deste estudo. Assim, ao propor essa discussão partirei dos vieses, ético e o historiográfico, buscando trabalhar diferentes perspectivas ao longo da história, para assim, refletir os fatores e influências que deram força e significado a essa questão.

O termo que define tais concepções foi utilizado inicialmente numa publicação do *The Nation*, escrita por Steve Tesich em 1992, no artigo Um Governo de mentiras¹. Na época, antes de se discutir o conceito de pós-verdade, o autor utilizava a chamada síndrome de Watergate, nome escolhido pois relacionava um escândalo político envolvendo o Presidente Nixon a uma série de ataques à oposição. Esses ataques se relacionam ao arrombamento do escritório do Comitê Nacional do Partido Democrata, localizado no edifício Watergate, em Washington, capital dos Estados Unidos, por estarem em período eleitoral o *The Washington Post* decidiu investigar o acontecido e Carl Bernstein e Bob Woodward escritores do jornal, chegaram a conclusão de que o nome dos envolvidos estava presente na folha de pagamento do comitê de reeleição do presidente Richard Nixon. Como descrito pelo filósofo José Renato Salatiel (2008): “Depois de Watergate, a política americana não foi mais a mesma.

¹ *The Nation*, A Government of lies, Steve Tesich (1992). TESICH, S. A government of lies (political ethics). **The Nation**, Nova Iorque, n. 254, p. 12-13, 1992.

O escândalo teve ainda repercussão internacional e virou sinônimo de corrupção política”, que se mantém até os dias atuais.

Tesich (1992) usou o termo para denominar um fenômeno que estava acontecendo com os estadunidenses, que preferiam ignorar a guerra no Vietnã e posicionamentos do até então Presidente Nixon, que em seus discursos dizia algo, mas na prática fazia o oposto. Começaram então a associar a verdade com a chegada de más notícias, afastando-se cada vez mais dela, pois o interesse nacional era “ver” somente o que o governo quisesse. Uma perspectiva que se mantém ainda nos dias atuais, quando os interesses dos políticos em muitos casos têm mais peso do que a própria ética.

A construção da verdade envolve diversas pesquisas e objetividade, constitui uma formação prolixa, que segundo Foucault (1999) “a própria verdade tem uma história”, ela não está ali somente por ser verdade, mas também pela forma que é contada, por quem é contada, a verdade possui sua própria história e cabe ao historiador buscar por ela. Vemos que se buscam aspectos conceituais revestidos como verdade a fim de desenvolver uma história contextualizada para justificar a narrativa, como diria Mauro Dillmann (2006) em sua análise sobre o livro *História e teoria*, do José Carlos Reis, “a verdade histórica é obtida com exame exaustivo do objeto, com todas as leituras possíveis”.

Nos últimos anos, mais especificamente em 2016, ano o qual atingiu seu ápice, a “pósverdade”, foi considerada a palavra do ano pelo *Oxford Languages*, dicionário de Oxford, mas mais do que um vocábulo, ela tem seu peso. Significa que os fatos são deixados de lado, ou seja, tem menos influência sobre as pessoas do que suas crenças pessoais e opiniões. Estando inserida em uma era de negacionismos e Fake News, ganha uma proporção incomparável perante os discursos já existentes, os historiadores e historiadoras partes fundamentais na história passam a ser desacreditados, fatos sólidos são agora considerados falsos, incorretos e deturpados.

Para entender como um conceito ganha tanta importância, é necessário deixar explícito o contexto que levou a isso, embora ultimamente venha sendo utilizada com frequência, anos antes a prática já era realizada. Essa tese é defendida pelo psicanalista Christian Dunker (2017), no livro *Ética e pós-verdade*, no qual elabora que desde a modernidade os filósofos observavam a subjetividade das coisas, pensamento defendido por René Descartes².

Em outro momento, tal discussão seria modificada tratando da subjetividade da verdade, defendida por Michel Foucault³, afirmando que a mesma se torna indiferente quando relacionada a conceitos étnicos-políticos, isso porque ela era pública, logo, não era algo que

poderia se fazer uso, pois mesmo ali não era algo prático e sim substancial.

Durante o pós-modernismo era buscado uma base, a subjetividade já não mais se encaixava no cenário, em meio a mudança de eras a verdade se tornava uma moral, um norte ético a ser seguido, por todas as classes, raças, religiões, etc. Como Dunker (2017, p. 12) coloca, “a aliança bífida do pós-modernismo pedia por um substrato moral que pudesse reunir as escolhas políticas e econômicas com os progressos científicos e cognitivos”, isso acontece em contrapartida a um período em que o neoliberalismo avança sobre a sociedade, com o individualismo e a subjetividade crescente, segundo ele:

Se temos que pensar a subjetividade como uma espécie de retorno da verdade negada na aurora da modernidade [...] Afinal a pós-verdade é antes de tudo uma verdade contextual, que não pode ser escrita, posta no bolso e reapresentada amanhã, como garantia de fidelidade, compromisso ou esperança gerada pela palavra (Dunker, 2017, p.16).

A princípio está ligada a moral e ética, como visto por Dunker (2017), ou como veremos no processo dessa pesquisa, a verdade das massas, a verdade que está sujeita a maioria, a interpretação e não a racionalidade e fatos. Essa verdade é chamada de “pós-verdade”, o conceito dessa palavra é marcado pelo prefixo “pós” que significa algo que perdeu a relevância ou não tem mais importância, quando relacionada a “verdade” se refere ao fim dela, a verdade não tem mais valor. Assim, considerando o *Oxford Languages* a “pós-verdade” é definida como algo em que “os fatos objetivos são menos influentes na opinião pública do que as emoções e as crenças pessoais”.

² René Descartes (1596-1650) foi um filósofo e matemático francês, escreveu obras como: Discurso do método, Meditações Metafísicas e Princípios de filosofia. PORFÍRIO, F. René Descartes: biografia, filosofia e frases. **Mundo Educação**. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/filosofia/rene-descartes.htm>>. Acesso em: 24 set. 2023.

³ Michel Foucault (1926-1984) foi filósofo, professor, psicólogo e escritor francês, escreveu obras como: História da loucura; As palavras e as coisas; A arqueologia do saber; Vigiar e punir e História da sexualidade. PORFÍRIO, Francisco. "Michel Foucault"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/michelfoucault.htm>. Acesso em 24 set. 2023.

Seguindo nessa linha, o filósofo Mario Sergio Cortella (2020) desenvolve o que é pós-verdade, que segundo ele é uma expressão baseada na crença popular, buscando evidenciar a complexidade em torno desse conceito, isso porque se torna subjetiva, já que não é possível encaixá-la em um lugar de verdade ou mentira. Embora seja sim baseada em crenças populares, não seria necessariamente algo falso, já que é preciso estabelecer o que é verdade, como também é o caso da mentira, que passa pelo mesmo processo, precisando de uma comprovação dos fatos em ambos os casos.

Dessa forma, quando relacionado a contemporaneidade, esse conceito se baseia nas representações históricas existentes, no crescimento exponencial de fake news e uma enxurrada de narrativas que bombardeiam os meios de comunicação, que com tanta informação multiplicam a desinformação e manipulam dados e pessoas.

Como supracitado, essa subjetividade levou a criação de uma pseudo-história que vem sendo alvo de crescentes discussões durante os últimos anos, principalmente pelo momento atual a qual essa narrativa está inserida. Historicamente, é através de estudos, pesquisas e comprovações científicas que é embasado todo conhecimento e aprimoramento de tais, esses atos vêm sendo desacreditados, dando lugar para negacionismos científicos e históricos, deixando de lado os fatos concretos prevalecendo crenças, ideologias e sentimentos acima de teses embasadas.

O historiador Arthur Lima de Avilla (2019), desenvolve como o atual cenário público e político já não está mais preso a negação dos fatos, mas numa busca por uma respeitabilidade intelectual, onde a hegemonia historiográfica já não mais está sob a responsabilidade dos historiadores e sim é algo em que todos podem e devem contestar.

Os mecanismos para tanto, observa o historiador Fernando Nicolazzi, são uma série de omissões factuais, distorções do registro histórico e silêncios sobre dados inconvenientes do mesmo período.^[2] Ao fim, o que surge da leitura do passado que nos é oferecida pelo grupo empresarial (pois é de uma empresa que falamos) é uma “interpretação” higienizada e, a despeito das supostas intenções de imparcialidade de seus autores, manipulada ideologicamente para dar legitimidade aos atuais projetos políticos que governam o país^[3] – cujo Presidente da República é um ardoroso defensor do regime instaurado em 1964 (Avilla, 2019).

O domínio intelectual, ou seja, o controle mais ou menos estrito sobre como imaginamos o passado se torna relativo, se mostra necessário uma postura efetiva em relação a esse problema, desenvolvendo essa abordagem referente às condições sociais, políticas e

econômicas. Para isso, o conceito crítico remete a capacidade de questionamento e análise, duvidar, buscar, refletir sobre determinados assuntos, a forma de ver o mundo pelos olhos críticos da história.

É sobre um pouco dessa descrença e base negacionista que é desenvolvida no livro *Do Fake ao Fato* (2020), produzido por Bruna Klem, Mateus Pereira e Valdei Araujo, que relata os acontecimentos que levaram Jair Messias Bolsonaro à presidência, um fato que será utilizado para exemplificar o alcance do negacionismo e das fake news, algo difícil de prever, e também destacando a luta da História mediante isso. Nesse sentido, Sônia Meneses aponta que:

Nossa sociedade parece ter mudado a relação com aquilo que denominamos de conhecimento histórico. Alterou-se também a maneira como seus profissionais, historiadores e historiadoras passam a ser percebidos: “eles mentem”, são “doutrinadores”, não contam a “verdadeira” história (Meneses, 2020, p.43).

A partir dessa citação de Meneses (2020), especialista nesta temática, podemos ver exatamente o efeito que a pós-verdade tem e a mudança de visão nas pessoas, que transformam algo real em algo irreal e principalmente sem fundamento, satisfazendo seus desejos e opiniões pessoais.

Frente a essa circunstância a história acaba por desempenhar um papel maior ainda, servindo de norteadora para a expansão da veracidade dos fatos, meio a uma Era de fake news, de negacionismos e revisionismo, que utilizam dos meios de comunicações e das ferramentas tecnológicas para difundir tais interpretações infundadas. Todos esses aspectos se tornam interligados, a história age na discussão e comprovação da importância dos fatos, oferecendo o verdadeiro conhecimento histórico.

Seguindo essa lógica, a produção de conhecimento é posta em contestação, agindo como meio incitador de uma descrença da própria história, são os historiadores e historiadoras, protagonistas que persistem e formam uma frente de resistência a esses ataques, pois, é justamente esse conhecimento desacreditado que irá se tornar um meio de reação legitimando as produções historiográficas.

Apresentado na obra de Bruna Klem, Mateus Pereira e Valdei Araujo: *Do Fato ao Fake* (2020) é relatado sobre alguns dos objetivos desses discursos que usam da manipulação muitas vezes, para ter controle das narrativas, criando algo falso, e não somente isso, mas

também desqualificam todas e todos aqueles que produzem e disseminam o verdadeiro conhecimento, para assim ficarem desimpedidos de manipular os fatos ao seu favor sem interferência e contestação. Acerca disso, Meneses diz:

Assim, proliferam na cena pública discursos reativos que se sustentam na difusão de notícias e conteúdos deliberadamente criados para enganar, confundir ou desqualificar lugares da produção do conhecimento e, conseqüentemente, da história (Meneses, 2020, p.47).

Essa desqualificação afeta não somente a produção de conhecimento, mas também a veracidade dessas produções, um comportamento que busca enterrar todas as respostas, uma estratégia que acaba criando um ciclo de falsas afirmações.

Mas é justamente por esse meio da escrita, por meio dessas produções desacreditadas, desenvolvendo uma análise contextual da verdade e da realidade que se realiza um embate, se utilizarmos uma analogia, pós significa algo que foi deixado para trás, então quem seria mais qualificado do que a História para enfrentar tal ideologia? A busca da verdade, a busca pelos fatos e a difusão desse conhecimento são as respostas.

Busca-se então desenvolver ao longo desse trabalho, essas relações entre a pós-verdade, a qual se apropriam para realização dos discursos autoritários e impossibilita o diálogo entre opiniões distintas ou opostas, reprimindo a ação de reflexão sobre as informações recebidas, conforme citado por Sônia Meneses:

O discurso sobre a “verdade” reverteu-se em ferramenta para negação e a manipulação de dados. Um fenômeno que não é apenas nosso e que, nos últimos anos, reverberou em todas as áreas do conhecimento e nos discursos políticos que agora sentem-se confortáveis para falar em “fatos alternativos” (Meneses, 2020, pg. 45).

Seguindo essa interpretação, ela nos dá gancho para outra discussão que será desenvolvida nesta pesquisa, a qual busca mostrar como se tornou popular a escrita midiática de história, analisada mais a frente utilizando como fonte principal a produtora de conteúdo referente a política e história *Brasil Paralelo*, que se define como: “uma empresa privada de jornalismo, entretenimento e educação” cujo tem como valores: “Verdade, Liberdade, Arte, Ambição, Meritocracia, União, Diplomacia”(Brasil Paralelo, 2023), o qual são mantidos

através do revisionismo histórico e dos valores neoliberais conservadores, onde utilizando da retórica e da narrativa reduzem a história à sua própria interpretação do que é real.

É a partir desse meio que ocorre a desqualificação dos discursos historiográficos, intitulados de partidários, pois seguem conforme os fatos e não a vontade de um grupo político, que a partir disso aproveita-se para utilizar de preconceitos e interesses próprios, os maquiando e apresentando como se fossem a verdade desse passado. Assim vemos os escritores e produtores dessa historiografia midiática sendo colocados como mais competentes do que os próprios historiadores para realizar a produção historiográfica, como nesse caso, traçada para os grandes públicos via diferentes plataformas.

1.2 Retórica e discurso: Como se constroem as narrativas históricas na contemporaneidade

A princípio, voltando a IV e V a.C. na Grécia e aos estudos filosóficos, os sofistas⁴ desenvolveram o conhecimento que viria a ser intitulado de retórica, para eles a sistematização da argumentação, através do convencimento e da persuasão era mais importante do que o verdadeiro conhecimento. Eram considerados Mestres da linguagem e da arte de persuadir, foram responsáveis por expandir o “acesso” ao conhecimento, contanto que a pessoa em questão possuísse recursos para pagá-los por seus ensinamentos.

Para os sofistas, a retórica tinha mais eficácia do que a verdade, isso porque se utilizada corretamente seu poder de convencimento levaria a um consenso geral aqueles sujeitos a sua presença, dessa forma, tudo e qualquer coisa dita corretamente se tornaria uma verdade. Tal argumentação é desenvolvida pela perspectiva de Roberto C. G. Castro (2013):

Interessava também aos sofistas ensinar seus seguidores a transformar um discurso forte num discurso fraco e um discurso fraco num forte. O discurso forte, aqui, diz respeito às convicções do público. Os sofistas se compraziam em falar diante de ouvintes convictos de determinada opinião e, através de um discurso encantador, inverter essa certeza, de modo que o público, ao final do discurso, passava a defender opinião contrária à que sustentava antes. E viceversa: fazer com que uma ideia antes rejeitada pelo público (discurso fraco) fosse aceita com ardente convicção (Castro, 2013, p.6).

⁴ Conotação que em grego carrega o significado de “sábios”. OLIVEIRA, José Silvío de. Movimento Sofístico na Grécia (séculos V e IV a. C.): o trabalho de ensinar. *Conjectura: filos. e Educ.*, Caxias do Sul, v. 23, n. 3, p. 513-540, 2018. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217846122018000400006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 nov. 2023.

Dessa forma, eles utilizavam do relativismo e da subjetividade das coisas para disseminar a ideia de que não existe uma verdade absoluta, logo não existe uma regra, uma moral ou um conhecimento absoluto. Todos esses argumentos estruturam seus aspectos de oratória que embora usados em diferentes áreas e temas, tinham o mesmo objetivo, deixar as coisas sujeitas a dúvida e assim também a crítica mantendo e reproduzindo sua forma de retórica.

Outras perspectivas foram sendo colocadas frente a essa ao longo do tempo, seja para concordar ou contestar. Segundo a obra Aristóteles, da Coleção *Os Pensadores* de (1984), o filósofo desenvolveu a sua própria tese sobre a retórica, que ao contrário dos sofistas, acreditava que a mesma deveria ser utilizada como uma técnica de oratória, sendo esta, mantida até hoje por quem discute a temática. A retórica tem como base três pilares principais, chamados de ethos, pathos e lógos. Sobre isso Khazzoun Mirched Dayoub afirma que:

1. ethos (etos): possui função afetiva e corresponde à impressão que o orador dá de si próprio, por meio de seu discurso e não de seu caráter real, pois é certo que, se a pessoa é íntegra e inspira confiança, ela obterá a adesão do auditório; 2. pathos (patos): também possui feição afetiva e expressa a emoção que o orador consegue imprimir no auditório, elemento determinante em sua decisão contra ou a favor das razões que apresenta (...); e 3. logos: possui feição racional e refere-se à argumentação propriamente dita (Dayoub, 2004, p.77).

Nesse sentido, ethos segue a ética, pois a crença está ligada a pessoa que profere tais discursos, o pathos acompanha esse raciocínio, mas apela para questão sentimental presente na argumentação e lógos é a argumentação no seu sentido racional, onde é estruturada através da lógica. A arte da retórica seria então entender seu público e em qual categoria ele se encaixa, dessa forma ela se torna uma ferramenta.

Com isso em mente é possível seguir para uma análise da argumentação quando colocada em uma vertente discursiva, a narrativa ganha destaque. É nessa vertente que se utiliza da exposição e sequência de fatos para criar uma “história”, no caso da ciência histórica os historiadores são os narradores e seguem uma série de regras para narrar os acontecimentos ao longo do tempo, para isso são realizadas inúmeras pesquisas sobre um determinado assunto ou acontecimento, até obter uma comprovação dos fatos, para posteriormente serem narrados.

Segundo Richard Kearney (2012):

A história existe no jogo interativo entre todos eles. Cada história é um jogo em que entram pelo menos três pessoas (autor/ator/destinatário) e cujo resultado nunca é definitivo. Por esta razão a narrativa é um convite em aberto à responsividade ética e poética (Kearney, 2012, p.429).

A narrativa acaba desempenhando um papel muito importante na disseminação de informações, por meio dela é possível a transmissão de ideias e experiências, que se mantém por gerações. Mas em contraponto ela pode ser perigosa dependendo de quem a faz uso, pois amplia imaginação, exprime sentimentos e muda as visões de mundo ao nosso redor mediante perspectivas ditas e entendidas.

Nesse sentido, a retórica e a narrativa se tornam ferramentas discursivas que estão desde os primórdios entrelaçadas, não ficando marcadas por serem um conhecimento empírico, mas figurativamente, moldaram a história do mundo, influenciando ideias, acontecimentos e culturas, compreendendo-se em conjunto. É esse conjunto que cria uma forma de comunicação sem precedentes, pois têm o poder de moldar, desafiar e construir perspectivas.

A compreensão da história, assim como seus conceitos é algo em constante mudança, embora o passado seja algo fixo, suas interpretações são variadas, dependendo de ideias e época, cabe então ao historiador pesquisar e analisar esses fatos, articulam-se então diversas vertentes teóricas e campos históricos, para as práticas e produções de conhecimento, ou segundo Certeau (1982): A historiografia quer dizer "história" e "escrita", ou seja, a construção desses discursos, uma longa construção que foi se adequando às realidades do seu tempo.

Tais apontamentos não são necessariamente aceitos nos últimos anos, conhecendo e analisando a força da retórica e da narrativa nos dá uma amplitude pra suas formas de atuação, neste momento busco desenvolver como grupos ideológicos, com fins reacionários utilizam dessas ferramentas para desqualificar a história.

Isso se torna mais visível quando colocado frente ao objeto de pesquisa, que seria o meio de difusão dessas informações, que são consideradas fake news e negacionistas, pois tratam de discursos neoconservadores, que prezam a intolerância, ao moralismo religiosos e ao combate ao comunismo em prol de um nacionalismo cego.

Esse negacionismo crescente, negando à ciência, os fatos, as evidências, a realidade, extrapolando o extremo, muitas das vezes se torna uma arma sistematizada de interesses políticos e ideológicos, ocultando qualquer lógica e razão, e se torna uma ferramenta perigosa quando alusiva à mídia e a disseminação de fake news, uma pseudo-história que tem o objetivo de coagir ideologicamente e politicamente por meio da negação de fatos históricos.

Dando continuidade ao pensamento, tais aspectos surgiram após a Segunda Guerra Mundial e ampliou-se nos anos seguintes na França e EUA, vemos isso de uma forma mais contextualizada no artigo *O Negacionismo Do Holocausto: pseudo-história e história pública (2014)* do autor Ricardo Figueiredo de Castro, que mostra o quão complexo são esses movimentos. Os quais foram gradativamente ganhando força, iniciando com pequenas produções e por fim virando uma ideologia de extrema-direita a fim de difundir ódio e mentiras. O artigo evidencia mais ainda tais afirmações quando a traz partindo de outras perspectivas:

Outras analisam-no como um amálgama ideológico da extrema-direita contemporânea. Há aquelas que consideram o Negacionismo uma forma de mito político, o mito do complô (teoria da conspiração). Há, finalmente, aquelas análises que pensam o negacionismo como uma forma de pseudohistória (Castro, 2014, p. 7).

Considerando estas colocações, é possível perceber como esse conceito se reveste a partir de discursos acadêmicos e escritas científicas para garantir uma, dita autenticidade, em tudo aquilo que é feito, partindo da minimização de acontecimentos e indo ao extremo chegando a negação deles, sempre cobertos com o aparato de uma legitimação historiográfica que está na realidade totalmente manipulada para atingir fins específicos com suas argumentações.

Dessa forma, no contexto brasileiro pode-se ver o uso dessa palavra e o conceito de negacionismo inicialmente numa matéria (Meneses, 2020, p. 44) “Em 1993, foi produzida a primeira matéria no jornal Folha de São Paulo que abordou o tema negacionismo”, que associa a palavra a negação dos acontecimentos e comprovações de cunho científico. Vemos que embora a temática esteja sendo discutida mais veementemente nos dias atuais, devido ao contexto político que nos encontramos, há uma década atrás, já era colocada em questão a negação dos fatos, percebe-se que se tornou algo progressivo, deixando o questionamento de como algo que já era de conhecimento da proporção nociva, só veio ser considerada como um problema anos depois.

Em 2016, quando surgiu a enxurrada de vinculações ao conceito de pós-verdade, quase simultaneamente iniciaram-se as discussões sobre as crescentes fake news. Foi durante a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos, que a imprensa internacional pôde reconhecer uma série de conteúdos sensacionalistas relacionados ao oponente de Trump, a candidata Hillary Clinton, vindas de fontes duvidosas.

Em um dos inúmeros acontecimentos de disseminação de fake news que tinham a finalidade de aumentar a aceitação de Trump nas eleições, Clara Becker (2018) jornalista da LUPA⁵, plataforma que integra o Projeto de Credibilidade⁶, especializada em checagem de fatos e educação midiática, “Circula nas redes sociais a “informação” de que, em 2013, a democrata Hillary Clinton teria afirmado que gostaria de ver mais pessoas como Donald Trump concorrendo a cargos políticos porque “eles são honestos e não podem ser comprados”⁶. Essa citação foi compartilhada para que os eleitores tivessem a falsa crença que a Clinton em algum momento de sua carreira política já teria incentivado diretamente o Trump, algo que é completamente falso e foi comprovado na transcrição vazada de sua entrevista pelo WikiLeaks⁷ no qual “a ex-candidata à Casa Branca apenas diz que mais executivos deveriam se candidatar a cargos políticos.”.

É por meio da criação de boatos e reforçando pensamentos que levam a disseminação de ódio e mentiras, que devida à quantidade e a facilidade de difusão via internet, muitas pessoas acabam compartilhando determinadas informações sem ao menos ter a certeza de que são verídicas.

⁵ Em maio de 2019, a Lupa passou a integrar o The Trust Project, sendo a primeira plataforma especializada em fact-checking a fazer parte do consórcio mundial[...]A Lupa integra a International Fact-Checking Network (IFCN), rede mundial de checadores reunidos em torno do Poynter Institute, nos Estados Unidos, e segue à risca o código de conduta e princípios éticos do grupo. Um dos princípios da IFCN mais caros à Lupa é o apartidarismo ⁶ *The Trust Project*;

⁶ No original: that falsely quoted Hillary Clinton as saying, “I would like to see people like Donald Trump run for office; they’re honest and can’t be bought.”;

⁷ É uma organização de mídia multinacional e biblioteca associada, sem fins lucrativos, fundada pelo australiano Julian Assange, em 2006. A entidade é responsável pela análise e publicação de documentos confidenciais, como imagens e outros materiais envolvendo governos e empresas. Os assuntos principais abrangem registros de guerras, espionagem e corrupção. **WIKILEAKS**. About. 2013. Disponível em: <https://wikileaks.org/>. Acesso em: 16 nov. 2023.

Como dito por André Bonsanto:

Notícias falsas, boatos, informações enviesadas construídas para (des)legitimar determinadas causas e ideologias sempre existiram, não é algo novo dentro da prática jornalística. O que muda neste ambiente é justamente a descrença no discurso de que a suposta irrefutabilidade dos fatos, centrados em uma realidade objetiva e racional, possam ser diretamente apreendidos por agentes e instituições até então tidos como autorizados (Bonsanto, 2021, p.3).

Esse fenômeno, como citado, não é composto necessariamente de somente notícias falsas, cada caso é um caso, por exemplo, uma verdade pode se tornar deturpada e dessa forma falsificada, ao ponto de mudar o contexto dela, para seguir um enredo que seja positivo para quem as produz e reproduz segundo suas motivações e as necessidades.

Neste caso iremos analisar quando inseridos, tanto o negacionismo e as fakes news, em um contexto de polarização política-entre esquerda e novas direitas-essa divergência saiu do âmbito político no qual os partidos com seus vieses ideológicos se fecham em suas convicções. Tal fato cresceu de forma exponencial ao ponto de prejudicar a democracia, cabe aqui citar a obra *Como as democracias morrem (2018)*, livro escrito por Daniel Ziblatt e Steven Levitsky, que busca mostrar como as democracias podem facilmente entrar em colapso, isso é evidente nessa discussão, vemos como agora as grandes massas são participantes ativos nessa disputa de grupos políticos, não se trata mais de defender seu ponto de vista e convicções. Agora são utilizados ataques diretos as partes, onde determinados grupos optaram pelas ofensas e ataques agressivos, como forma de posicionamento e “defesa” deste.

1.3 A ascensão das novas direitas e a guerra das narrativas

O surgimento de fenômenos como pós-verdade, negacionismo e fake news, quase que simultaneamente, nos coloca numa posição de reflexão sobre quais elementos se fizeram necessários para implodir uma série de acontecimentos, no cenário internacional e nacional, que fossem vinculados diretamente ao enfoque dessas discussões. Os conceitos trabalhados, foram desenvolvidos com o intuito de conectar tais fatos a ascensão do que conhecemos como novas direitas, são fatores decisivos para compreensão desse fenômeno que causou imensa repercussão e movimentação no cenário político, levando a desdobramentos inesperados.

É a partir destes conceitos que vemos a força de manipulação ideológica, onde a combinação da retórica e narrativa, tornam os discursos totalmente influenciáveis e persuasivos. Embora ainda sim ligada ao lado político de direita, a nova direita, mais especificamente no Brasil, adota características próprias ajustando-se ao contexto social e político, entende-se que se fez necessário a criação de uma identidade a qual os brasileiros se identificassem, evidenciando o alcance gigantesco sobre a mentalidade dos mais influenciáveis, seja por uma identificação, por uma questão de crença ou por uma questão de oposição. A nova direita soube aproveitar o momento, com um *timing*, tempo, quase sincrônico às manifestações que ocorreram no Brasil em 2013 e a crise do governo petista até então no poder.

Vera Alves Cepêda (2018), desenvolve em seu artigo *A nova direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais* sobre uma série de elementos utilizados por essa nova direita, para mostrar pesquisadores e narrativas utilizadas, para se legitimar não só politicamente, mas intelectualmente. Algo que os garante uma aderência em massa quando levado em consideração seus discursos voltados para a família tradicional, para a anticorrupção, para o conservadorismo, ou seja, uma direita da contemporaneidade, pois organizam-se através dos discursos e aproveitam-se das narrativas e as comprove, já que agora possuem ao seu lado “intelectuais” que revisitam a história e legitimam discursos reacionários e neoliberais, mas de forma sistematizada.

Seguindo os anos de 2013 tem-se o início do golpe que levou ao processo de impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff em 2016, acontecimento o qual atualmente completam-se 10 anos e foi o marco inicial para a ascensão da nova direita no Brasil. Esse processo começou com protestos nas ruas suas mais diversas pautas, até chegar na Câmara dos Deputados para a votação que levou à destituição do mandato da presidenta.

Nos anos de 2014 a 2015 com o surgimento do bolsonarismo, Jair Messias Bolsonaro foi um dos parlamentares que votou a favor do impeachment, e na ocasião dedicou seu voto ao torturador do Exército Carlos Alberto Brilhante Ustra, e ressoou o lema que manteria a nova direita pelos próximos anos: “um Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”.

Em 2016 com a pós-verdade se tornando palavra do ano, o crescimento das fake news e principalmente a eleição do Donald Trump á presidente dos Estados Unidos, dando uma reviravolta no mundo político e nos partidos e líderes, chegando a 2018 com a eleição de Jair Messias Bolsonaro.

É necessário evidenciar como esses acontecimentos estão interligados, seja internacionalmente ou nacionalmente, o que será discutido a frente, como visto em Cepêda (2018):

Mas uma característica nacional que precisa ser examinada com muito vagar é a luta ideológica fora do escopo da argumentação racional - a guerra híbrida, com o recurso à falsificação da história e do marco teórico, com associações perversas entre temas, eventos, ideias que de fato não ocorreram (Cepêda, 2018, p.49).

O uso dos meios midiáticos e tecnológicos foram ferramentas essenciais para a proliferação dos discursos que foram capazes de manipular, convencer e gerar identificação em tantas pessoas. Isso acontece porque como visto esses líderes políticos se tornaram, ouso aqui dizer, mestres da retórica, tal qual os sofistas, mas, com interesses bem maiores do que econômicos, manipulando não só uma audiência, mas as massas populares de uma forma não mais vista desde Hitler e a Alemanha.

A adição de um adjetivo como "novo" ou "nova" busca expressar mudanças, a nova direita é conceituada dessa forma pois “O termo nova exprime um novo cenário, alvos e meios de atuação, tais como a multiplicação de instrumentos de luta política.”(Cepêda, 2018, p.52). A nova direita se aproveita da intelectualidade, meios acadêmicos, discursos, narrativas, mídias, todos os aparatos disponíveis, fazendo com que ocorra uma disseminação ideológica com um alcance realmente nacional, chegando a todos os lugares e a todas as pessoas, seja por rádio, redes sociais, emissoras de televisão partidárias, religiosidade, plataformas de pesquisa etc.

A polarização política iminente e agora presente na sociedade, nos faz ver um país dividido ao meio, entre ideologias e posicionamentos está escancarado o catalisador desse feito, a chamada guerra das narrativas, que atingiu e atinge ainda seu objetivo de criar um espaço de disputa em que todos estão contra todos. Um pouco complexo já que embora o país esteja dividido, os indivíduos buscam seus próprios interesses sem deixar de lado o discurso de ser em prol do bem maior.

Em 2013 isso deixou de ser uma questão partidária e se tornou assunto nacional, a partir disso vemos uma sociedade dividida e polarizada, no qual suas narrativas individuais tem mais peso do que a verdade, que nem ao menos é colocada em questão, pois para eles tem sempre uma argumentação plausível e que é aceita pelos menos ativos.

Um resquício explícito disso está nas próprias famílias brasileiras, no qual alguns indivíduos se seguram tão fortemente nesses discursos, que foram desestruturando o país por dentro. As pessoas sentem-se livres para praticar intolerância, enquanto do outro lado tem alguém buscando mais tolerância, ao mesmo tempo em que ambos não se toleram, pois já não é mais aceitável opiniões e posicionamentos opostos.

É vendo de fora dessa polarização que se tem uma perspectiva ampla do que se tornou o Brasil, dividido em incontáveis frações, direita, extrema direita, novas direitas, centro-direita, centro, centro-esquerda, esquerda, extrema esquerda. Todas usam da narrativa ao seu favor, mas é necessário evidenciar que não são sinônimos de mentira, elas são parciais, trata-se aqui de uma ferramenta que pode conter tanto a verdade quanto a mentira, assim como a distorção de algumas informações para chegar ao objetivo de atender ao interesse de quem a usa. Tal fato ocorre principalmente nas disputas entre os partidos, o autor Martin Egon Maitino (2020) exemplifica isso:

Sendo o PT e a esquerda diretamente associados à corrupção e à imoralidade, não há um grande salto em associar o cidadão de bem à direita. A esquerda e o comunismo passam, então, a ser associadas a qualquer ação tida como imoral ou negativa. A desconfiança popular em relação à política, porém, é generalizada — trata-se, afinal, de um terreno de corrupção e mentira. Se a direita é o moral e a política é imoral, também 54 partidos de direita podem ser chamados comunistas (Maitino, 2020, p.15).

Percebe-se a inconsistência dessas narrativas, embora sejam praticantes assíduos da retórica e manipulação das informações, para aqueles que param pouco tempo, mas o suficiente para analisar os discursos é perceptível essas alterações, numa simples busca na internet feita tão rapidamente quanto a notícia que está sendo acessada e compartilhada nas redes sociais. A checagem das informações, a busca pela veracidade dos fatos teria dado um tom menos sombrio sobre o Brasil nos últimos anos, mas foi preferível não realizar essa checagem, ou como é o caso de algumas pessoas sem conhecimento, que acreditam e repassam as informações que chegam até elas e inocentemente são utilizadas como disseminadoras de fake news.

A comprovação da utilidade dessa ferramenta, levou a um processo de estruturação, como já citado anteriormente, que busca incluir ditos pesquisadores e intelectuais numa linha de frente de propagação de alegações falsas e negacionistas, comprovadas utilizando meias verdades e informações. Para isso foram criadas plataformas, como o Brasil Paralelo, cujo o

intuito era manipular o leitor por meio de escritas acadêmicas e referenciadas, mas utilizadas de formas tendenciosas, seja cortando falas para que sejam interpretadas de uma forma, ou por forma da negação e revisionismo dos fatos, onde surgem novos pesquisadores com um contraponto para legitimar produções dessa nova direita.

CAPÍTULO 2: A CONSTRUÇÃO DE UMA ERA NEGACIONISTA

Embora consolidados através de dois lados opostos, os conceitos que aqui serão desenvolvidos, pendem para essa polarização das frentes ideológicas conhecidas como esquerda e direita ou direita e esquerda não importando como colocado, além de que se mantém sempre em lados opostos, (Bobbio, 1995). Veremos que não existe essa linearidade acreditada e consolidada pelo dito popular, quando envolve uma discussão política encontramos aspectos ainda que parecidos, a diferença é imensa e presente já nos termos utilizados, pois busca marcar a divisão entre ideologias e ações políticas, que apesar de mantida por muito tempo, foi se adaptando e criando ramificações pois os termos não abarcavam os movimentos e doutrinas que surgiram ao longo do tempo. Para Bobbio (1995), a distinção básica entre a esquerda e a direita é que a primeira é mais igualitária e a segunda mais inigualitária.

Tais aspectos são evidentes no plano político, no qual conservadores e reacionários historicamente se mantiveram no campo ideológico da direita, onde são caracterizados pela resistência a mudanças estruturais que pudesse os levar até a perda do poder econômico e político. Já do outro lado estavam os chamados reformistas, socialistas e comunistas, formando uma frente de defesa da democracia política. Existem então novos termos empregados com o objetivo descrever atores e processos associados a uma reemergência, no ciclo político, de uma direita, ou seja, a nova direita, que é abertamente anti democrática e radicalizada que conseguiu transcender e obter notórios ganhos eleitorais (Severo e Campos, 2020, p.6).

Para essa adaptação foram surgindo novos conceitos, tal como o de centro, que considerando essa suposta linearidade, constitui-se seguindo o pensamento de que se de um lado temos um e existe um lado com outra perspectiva, se manter no centro seria acreditar em um pouco de ambos ou como pode ser o caso excludente de que não está em nenhum lado. Mas aí começa a complexidade da articulação desse novo sistema, onde permite-se a compreensão de que essa linha se torna flexível a adequação, e assim se constrói diversas posições, ajustadas a

necessidade de representação da massa política que buscava incluir suas ideologias em um termo. Mantendo sempre a ideia de esquerda e direita como base, tendo ainda a extremaesquerda, esquerda, esquerda-centro, centro, centro-direita, direita, extrema-direita ou novas direitas, destacando essa última a qual é o conceito chave da nossa discussão ao longo deste segundo capítulo.

Afinal, como são conceituados os objetos dessas discussões, o que é direita e qual a diferença entre as novas direitas?

A direita é o conjunto de forças políticas que, em um país capitalista e democrático, luta sobretudo por assegurar a ordem, dando prioridade a esse objetivo[...] a direita, percebendo que o Estado, ao se democratizar, foi saindo do controle, defende um papel do Estado mínimo, limitado à garantia da ordem pública, dando preponderância absoluta para o mercado na coordenação da vida social (Bresser-Pereira, 2006, p. 26-27).

Seguindo essa linha de pensamento a direita como dito por Bresser-Pereira (2006), quando relacionada a ordem e controle do Estado, principalmente na questão de uma segurança pública, prevalecem os valores concretos para eles como: a propriedade, a tranquilidade dos “cidadãos de bem” e o bem-estar de suas famílias. Tal como os aspectos apresentados por Teixeira (2021), onde esse posicionamento aceita a hierarquização social, ou seja, a desigualdade social como sendo algo inevitável e natural, esta postura política se justifica a partir de uma posição misógina do direito natural mantido pela tradição e o conservadorismo religioso.

Igor Teo, no livro intitulado “Entre a Esquerda e a Direita – uma reflexão política”, diz que “ser de direita” é concordar com o capitalismo e suas instituições. Para ele, quem é de direita acredita nos valores do individualismo, da meritocracia e da primazia do lucro. “Em alguns casos ainda é possível ver sujeitos que defendam seus valores mais radicais, como o tradicionalismo da família (ser contra modelos diferentes de família que o heterossexual nuclear), o machismo (ser contra a igualdade de direitos entre homens e mulheres), entre outros” (Teixeira, 2021, p.200).

Nova direita ou Novas Direitas é um termo utilizado para descrever vários aspectos políticos ou grupos associados à direita, na qual possui elementos conceituais a fim de definir as fronteiras e diferenças do campo político da direita. “Uma direita agressiva e heterogênea[...]passam a atuar também, com grande eficácia, nas redes sociais, combatendo o

Partido dos Trabalhadores e pautas de esquerda de uma forma geral”(Filho, Araújo, de Sousa , da Silva, Medeiros, de Albuquerque & Diniz, 2022, p.1-2), aqui observa-se a construção de uma narrativa retórico-discursiva dessa nova direita que agora busca maior alcance, atuando nas mídias, nos jornais, na televisão, estampando sua cara em todos os lugares, ao contrário da direita mais convencional presa a politicagem e panfletagem, esta utiliza de vários meios para ganhar força no mesmo cenário político.

Nessa perspectiva será desenvolvido a ascensão das novas direitas no contexto político internacional e nacional, para compreender os aspectos que marcam essa nova ideologia, e a partir dessa análise desenvolver uma discussão sobre as ferramentas utilizadas para tal, entendendo ainda que ocorra em diversos lugares mantém-se o uso dos discursos, das narrativas e das mídias como suporte para essa guinada da direita.

2.1 As movimentações ideológicas e o cenário político internacionalmente

Há muito tempo se discute sobre os governos autoritários e as implicações na sociedade, nossa história se constrói sob um contexto de luta e mudanças, às vezes inesperadas em decorrência dos jogos políticos internos que acabam tendo controle em escala global. A direita faz parte desses governos autoritários e com o tempo aprendeu o jogo e tratou de estar sempre um passo à frente através da manipulação das massas, veremos um pouco desse processo por meio de partidos, líderes e acontecimentos nos últimos anos que influenciaram até a constituição da chamada nova direita.

Tal ideia é conceituada, segundo Cêpada (2018) onde: “Nas últimas décadas somaram-se às disputas tradicionais (partidos, eleições e arenas estatais) e ao manuseio das retóricas de Hirschman⁸, as mobilizações de massa, o recurso aos meios de comunicação das mídias sociais e os mecanismos da guerra híbrida.” (2018, p.52). Através disso ocorre o fortalecimento do pensamento neoconservador e neoliberal, onde difunde-se atitudes e discursos reacionários mantidos por uma classe burguesa sobre o restante da população, ao mesmo tempo em que se aproveita do contexto social para induzir a proliferação de cenários irreais.

⁸ Três teorias de retórica sendo: Retórica da Fuga onde está relacionada com a escolha de sair, optando por abandonar a situação ou o sistema que não atende às suas expectativas; Retórica da Voz na qual as pessoas podem optar por usar sua voz para expressar suas preocupações e insatisfações; Retórica da Lealdade que se refere ao compromisso contínuo das pessoas com uma organização ou sistema, mesmo quando enfrentam problemas. PENA, M. V. J. Hirschman e a retórica da reação. *Brazilian Journal of Political Economy*, 13(1), 162–167. (1993) Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-31572000-0706>. Acesso em: 16 nov. 2023.

Diante de tais questões, como um ato de protesto contra um governo autoritário, em um país que sofria com a inflação dos preços dos alimentos, com a alta taxa de desemprego e falta do direito à expressão, que em dezembro de 2010 o vendedor Mohamed Bouazizi colocou fogo em si mesmo, como forma de reivindicar seus direitos frente aos maus tratos e humilhações sofridas por meio dos abusos policiais na Tunísia. Com isso, iniciou-se uma série de outros protestos que resultaram na chamada Primavera Árabe em 2011. Esse movimento ocorreu em todo o Oriente Médio e tinha como objetivo a derrubada de ditadores, para assim realizar eleições, pondo um fim no autoritarismo vigente representado por nomes como Zine El Abidine Ben Ali e Hosni Mubarak que passaram quase três décadas no poder.

Sobre tais acontecimentos a autora Vivian Patricia Peron Vieira desenvolve no artigo *O papel da comunicação digital na Primavera Árabe: Apropriação e mobilização social (2013)* sobre como essas manifestações estavam relacionadas nos mais diversos países com diferentes realidades:

[...]países envolvidos possuíam dentre as principais características comuns a existência de Estados autocráticos de regimes fechados, restrições democráticas, altos índices de corrupção, abusos nos serviços de segurança e privatizações em benefícios de poucos, notadamente guiadas por princípios neoliberais (Vieira, 2013, p.10).

Entende-se então que esses países possuíam em sua liderança um governo com viés de direita, em que eram mantidos aspectos anti-democráticos, tais como restrição de direitos, abuso de poder, repressão militar e privatização dos setores acirrando problemas sociais e econômicos. Embora em alguns lugares tenha-se buscado a derrocada de um Estado de direita, não necessariamente implicava que um partido de esquerda ou centro iria assumir, muitos desses países possuíam em sua identidade valores conservadores e nacionalistas, cabia tanto a política interna quanto a externa de cada frente partidária jogar segundo a situação. Em países como a Tunísia, com a queda do regime autocrático⁹, novos partidos políticos com orientações de direita parecem ter aproveitado os conflitos para ressurgir com a pretensão de apoiar aqueles movimentos e lutas populares.

Entender a complexidade desse evento é cada vez mais perceber as particularidades presentes em cada país, cada reivindicação e as consequências das mesmas. Tal exemplo foi utilizado para demonstrar a força que uma ideologia ganha ao se apropriar ou apoiar, convenientemente, uma narrativa, capaz de manipular a situação ao ponto de reverter os danos e transformar em algo positivo para um grupo específico, partido ou líder a quem se volta o poder.

A ênfase dada a esse ressurgimento evidencia como foi expandido os limites do tradicionalismo de direita, a humanidade que estava destinada ao progresso parecia estar fadada ao regresso, voltando a eras antes da modernidade e os votos de racionalidade e a busca pelo saber. Percebe-se que esse processo não é monolítico, ou seja, indivisível, e sim com várias facetas e contradições. A jornalista Priscilla Cabral Dibai desenvolve esse assunto no seu artigo *A Ascensão do Radicalismo de Direita no Mundo: Novos Dilemas de um Velho Problema* (2020):

Os exemplos de seu ressurgimento são inúmeros. Em 2018, no Brasil, Jair Bolsonaro venceu as eleições presidenciais, mesmo exaltando a memória de uma ditadura violenta e atacando os direitos humanos. Em 2016, Donald Trump foi eleito presidente dos Estados Unidos, propondo construir um muro anti-imigração na fronteira com o México. Em 2017, os franceses levaram Marine Le Pen – do partido Frente Nacional (FN) – ao segundo turno da eleição presidencial, com mais de 10,6 milhões de votos (33%), mostrando aderência à sua dura e sistemática campanha contra imigrantes. Um ano antes, seu pai e fundador da FN, Jean-Marie Le Pen, foi condenado pela Justiça francesa por declarar que as câmaras de gás, nas quais milhões de judeus foram exterminados pela Alemanha nazista, foram um “detalhe” da história (Dibai, 2020, p.729).

Esses são exemplos de ação da nova direita, que usam não só do reacionarismo, mas também do revisionismo, e principalmente do negacionismo e das fake news, na qual a compreensão desses acontecimentos é fundamentada quando empregada uma abordagem política contemporânea de discussão sobre a história do presente, distingue-se então como é a práxis existente no âmbito internacional.

No cenário político internacional, partindo novamente para uma análise de ação dessas novas direitas, em um exemplo mais específico e direto retratando as formas de ação e atuação, vemos uma reviravolta ocorrer nos Estados Unidos. A eleição que aconteceu no ano de 2016, teve um impacto sem precedentes no cenário político e social do país, e que consequentemente o levou para uma posição de maior polarização e disputas internas.

⁹ Conceito utilizado para se referir a um governo em que o poder está concentrado em um indivíduo, ou seja, um governante. BARBOSA, J. Ideologias e regimes autocráticos chauvinistas: fundamentos e influências . **Revista Espaço Acadêmico**. n° 175. 2015.

No Brasil, nos Estados Unidos e na França, ocorre por meio de uma estrutura correlativa, em que prevalece uma predisposição a discursos com fins de coerção, no qual é perceptível ocorrer uma alteração nas demandas populares em massa, de modo que as modificações voltadas ao contexto socioeconômico mudam conseqüentemente as atitudes políticas e as possíveis percepções do eleitorado, gerando oportunidades para posições radicais e através disso um maior número de adeptos a tais sentenças (Dibai, 2020).

Em 8 de novembro de 2016, Donald Trump venceu a eleição presidencial marcando o início de um governo de políticas conservadoras em áreas como a da imigração com plano estruturado que visava a expulsão de 11 milhões de imigrantes ilegais, nos impostos com a proteção e diminuição em favor aos mais ricos e na segurança com as extremas promessas de construir um muro entre os EUA e o México proibindo a entrada de “ilegais”.

Esse acontecimento se trata de um fenômeno digno de análise, principalmente quando colocado em comparação a candidata concorrente de Trump, a Hillary Clinton, que ao contrário dele, defendia políticas públicas prometendo aumento do salário mínimo, incentivo às microempresas, aumento nos impostos para os ricos, a defesa dos imigrantes, e os direitos das mulheres e as demais minorias, além de ter o apoio do até então Presidente Barack Obama¹⁰.

Chega a ser inacreditável se não fosse uma realidade vivida a poucos anos e que ainda está fresca na memória de todos, levando a infinitos questionamentos. Vivemos num mundo tão conservador assim ou as pessoas estão cada vez mais confortáveis em apoiar políticos que exprimem suas ideologias e visão de mundo, mesmo que sejam discriminatórias, intolerantes e violentas?, Como Trump conseguiu virar a eleição? Seria isso o suficiente para convencer milhões de pessoas?

¹⁰ Que até o momento das eleições, seu governo possuía 51% de aprovação do eleitorado estadunidense. DIBAI, Priscilla Cabral. A ascensão do radicalismo de direita no mundo: novos dilemas de um velho problema. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, v. 25, n. 3, p. 728, 29 dez. 2020. Disponível em: https://doi.org/10.5433/2176_6665.2020v25n3p728. Acesso em: 27 ago. 2023.

As respostas para essas três perguntas estão divididas em momentos, para responder a primeira pergunta vemos que está relacionada a mudança do cenário político e nas ferramentas de convencimento utilizadas por esses líderes partidários. É possível observar o ambiente de “segurança” que os partidos e líderes da nova direita construíram, através de uma narrativa que justificava seus discursos de ódio escondidos através de um propósito, com uma justificativa e um objetivo as massas populares começaram não só uma operação de identificação com o que estava sendo dito, mas também uma ação de respaldo e disseminação. Com isso, é sim evidente o retorno de um conservadorismo.

Refletindo sobre a segunda pergunta, vemos que o momento se trata das estratégias políticas, ou o jogo político, que se expandia desde atos internos e externos, durante o processo eleitoral ficou conhecido como uma extensão da pós-verdade, no qual as fakes news tomaram conta das redes sociais, com o objetivo de difamar a candidata Hillary Clinton e prejudicar a sua imagem.

Para isso será necessária uma exemplificação mais direta de tais atos. Trump não visa uma política de classes, nem mesmo um populismo trabalhista. Ele visa aglutinar setores descontentes, da burguesia e de outras classes, e conquistar espaço em certos setores da sociedade por não reproduzir a moral populista (Canard, 2019, p.2), mantendo o discurso de que presencia-se então o crescimento de um governo forte, com um líder forte e decidido a realizar mudanças mesmo que extremas.

Para completar esse ponto, voltamos para as ferramentas midiáticas utilizadas no período de campanha, como foi organizado e posto em prática esses discursos de calúnia e até mesmo a manipulação de falas para mudar o contexto e atingir seus objetivos de rebaixar a candidata, já que essa foi a única forma encontrada de diminuir a popularidade dela.

Em terceiro lugar, será desenvolvido sobre como a resposta para isso é mais prática pois se trata do uso de ferramentas midiáticas, que estão ligadas diretamente às duas questões anteriores, as pessoas agora não são mais meros fantoches de um plano político voltado para manipulação e disseminação de mentiras ou meias verdade, elas são agora objetos ativos no jogo. Assim, foram sendo criadas redes de desinformação e compartilhadas pelos apoiadores de forma exponencial, os algoritmos das redes sociais estavam sistematizados ao ponto de que cada pessoa no mundo cruzou ao menos uma vez com uma notícia falsa, os sistemas de publicidade visavam os lucros dos acessos por meio de manchetes tendenciosas frente a maior e mais polêmica eleição presidencial.

Muitos pesquisadores se debruçam sobre esse fato, a fim de desenvolverem teses que debatam e rebatam tais questões, segundo Mike Wendling escritor da BBC News Brasil (2020), o primeiro estudo acadêmico que ocorreu sobre o consumo de notícias falsas nas eleições, foi realizado por pesquisadores das universidades de Princeton e de Dartmouth, localizadas nos EUA, e da Universidade de Exeter, na Inglaterra, no qual fizeram uma estimativa de que 25% dos estadunidenses visitaram um site de *fake news* durante o período de seis semanas nas eleições de 2016.

Das inúmeras fake news lançadas pelo Trump uma delas é a de que a candidata Hilary Clinton e o presidente Barack Obama haviam criado o Estado Islâmico, o grupo militar islâmico, "Ele (Obama) foi o fundador do Estado Islâmico. E ela (Hilary) também. Quer dizer, eu os chamo de cofundadores", disse Trump em 2016 ao canal CNBC. Tal afirmativa não tem fundamento, já que ambos o presidente e a candidata não estavam sequer no cenário político na época que surgiu a ameaça terrorista. É possível compreender melhor sobre esse momento através das pesquisas históricas e de especialistas que se dedicam a estudar a historiografia do Oriente Médio, Kleber Couto Pinto (2015) vai desenvolver que:

[...]o Estado Islâmico é composto de jihadistas sunitas que combatem ferozmente outros seguimentos islâmicos e a população de partes territoriais conquistadas pela guerra. Desta forma, quando se fala em Estado Islâmico, de pronto, já aflora esta incompatibilidade. Há identidade em relação aos sunitas, entretanto, não há identidade em relação às pessoas que se encontram no território conquistado. Em primeiro lugar, porque são curdos, cristãos e adeptos de outras crenças que estão sendo convertidos à força da espada ao islamismo ou executados em grande escala, ou mesmo expulsos para outras partes territoriais. Em segundo lugar, mesmo que se todos fossem adeptos do islamismo, haveriam divergências culturais e de crença islâmica que impossibilitaria a caracterização de uma nação, tais as existentes entre sunitas e xiitas e aqueles seguimentos alinhados (Pinto, 2015, p.75).

Compreende-se então que a criação do Estado Islâmico está diretamente relacionada com uma instabilidade que ocorreu pela guerra que foi realizada no Iraque após a invasão norte-americana em 2003, sob uma alegação de acabar com os conflitos internos e proteger a paz mundial. Na realidade vemos o imperialismo avançar mais uma vez quando as evidências apontam para que os Estados Unidos obtivessem a posse das reservas de petróleo daquele

país, a narrativa de paz só levou a disputas territoriais entre os grupos e organizações terroristas, pois a quantidade de conflitos internos e posteriormente guerras acontecerem por causa dessa invasão, no momento de fragilidade do povo.

Esse é somente um exemplo das incontáveis narrativas falsas ao redor do mundo, tudo isso se torna mais preocupante quando implicada a realidade de que cada vez mais as pessoas, e as mídias estão adeptas a esse fenômeno “no caso das mídias sociais, alguns estudos já demonstram o movimento de adesão de políticos, gestores e governos às novas TIC, em resposta ao forte movimento de adesão a essas tecnologias por parte dos eleitores.” (Amaral; Pinho, 2018. p. 469), se tornou normalizado o uso das ferramentas tecnológicas para degradar imagens de líderes e partidos em prol de quem está do outro lado.

2.2 O contexto brasileiro e a intensificação da polarização política

No Brasil vemos uma sombra da nova direita pairar pelo país, tendo início com as manifestações de 2013, durante o governo da Presidenta Dilma Rousseff, abertamente de esquerda e filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT), neste caso ocorreu uma série de protestos em todo o país. Foi iniciado com uma pauta até se tornar um movimento amplo e diversificado o qual findou englobando todas as demandas sociais da época sendo serviços públicos de qualidade, priorização da mobilidade, mais direitos, mais participação, mais ações contra as desigualdades. Assim, milhões de pessoas foram às ruas com suas insatisfações expressas em cartazes, e nos gritos unificados de palavras de ordem, dando foco a uma questão que era a luta e a reivindicação por direitos humanos. Chegando ao ponto de criar um movimento tão organizado capaz de unir pessoas de diferentes estados e cidades de forma simultânea, mesmo que com perspectivas, pensamentos e demandas tão diversas.

Foi a partir de fevereiro de 2013, quando, em Porto Alegre, o Bloco de Luta por um Transporte Público reuniu em seus protestos cerca de 200 pessoas, contra o novo aumento do preço da passagem, a qual, assim mesmo, aumentou uma semana depois (Ilse Scherer-Warren, 2014, p.418-419), após isso em junho de 2013 as manifestações se intensificaram, em São Paulo e no Rio de Janeiro que traziam a mesma pauta. O Movimento do Passe Livre (MPL) conduziu discussões sobre a mobilidade urbana, pois entendia-se, que era um direito de todos, tal como questões básicas, igualmente a saúde, educação e alimentação.

Uma vez que a população estava disposta a ir para as ruas, ambos os movimentos abrangeram múltiplas requisições, por exemplo, a luta contra a corrupção, a insatisfação com os partidos e líderes políticos no poder e a crescente desigualdade social em meio a uma crise econômica. A moção popular que em tese deveria ser unificada se tornou dividida quando os ideais políticos dos indivíduos passaram a ter mais importância do que as reivindicações sociais. Cabe aqui, colocar a forma ativa dos partidos de direita que historicamente se colocavam sempre em oposição ao governo vigente de esquerda, visto que souberam aproveitar o momento de conflito entre os subgrupos, para entrar no cenário político antes dominado pelo PT e aos poucos virar o palco de descontentamentos em um movimento por mudança.

Em relação ao sistema político-partidário, as manifestações também expressaram antagonismos na política, desde a opção por siglas partidárias até à intolerância em relação a sua presença na praça pública. Assim sendo, as expressões estéticas e verbais foram de partidarismo, apartidarismo e antipartidarismo, cujas explicitações se reproduziram nas redes sociais, demonstrando, frequentemente, intolerâncias recíprocas (Warren, 2014, p. 419).

No qual acabam criando uma conjuntura utópica que buscava alcançar a tão invocada mudança social. Tal fato permanece ativo durante alguns anos, até chegar em 2016, motivo de debates de uma política já polarizada, o processo de *Impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff passa a ser tratado como golpe, no qual após a análise de diversos historiadores como Sidney Chaloub¹¹, Luiz Felipe de Alencastro¹², Hebe Castro¹³, Beatriz G. Mamigonian¹⁴. Entre outros autores e autoras que vão discutir sobre, vemos que segundo eles isso se torna algo que põe a democracia brasileira em risco, mediante aos fatos expostos na obra *Historiadores pela democracia: o golpe de 2016 e a força do passado* (2016).

À direita, agora reorganizada se chamando de nova direita, soube aproveitar e usar as narrativas ao seu favor, depois de um tempo o foco do discurso político no Brasil era corrupção presente no governo, as notícias traziam temas como das pedaladas fiscais, onde a Presidenta deve fazer o repasse do dinheiro do Tesouro Nacional para manter os programas e

¹¹ Professor titular colaborador na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e professor do departamento de história da Universidade Harvard, EUA.

¹² Professor da Escola de Economia de São Paulo (EESP) da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

¹³ Professora Titular Livre da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

¹⁴ Professora titular do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

benefícios sociais pagando bancos públicos e privados, algo que segundo a oposição não foi feito. Esses atrasos funcionam como uma forma de cumprir as metas fiscais e não deixar as contas públicas no vermelho. Para os economistas e jurídicos trata-se de um empréstimo, pois, quando não ocorre esse repasse aos bancos, estes acabam realizando os pagamentos, já que os beneficiários não podem deixar de receber e nesse ato gera a correção de juros que devem ser pagos pelo devedor, no caso o Tesouro Nacional.

Tal argumentação não tinha força o suficiente para gerar um pedido de impeachment, então a oposição enquadrou a ação na LEI COMPLEMENTAR Nº 101, DE 4 DE MAIO DE 2000, que segundo o Art. 1º Esta Lei Complementar estabelece normas de finanças públicas voltadas para a responsabilidade na gestão fiscal, informação que está disponível no site gov.br na área legislativa para toda a população, dessa forma eles buscaram enquadrar tal ação como um ato de corrupção, pois segundo a oposição tratava-se abertamente de uma violação das leis fiscais do país.

Buscando um aparato jurídico para explicar determinados atos trago a Professora da disciplina Direito Constitucional do curso de Direito da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), Tainah Sales, autora do artigo *Aspectos Jurídicos Do Impeachment, Dos Crimes De Responsabilidade E Das “Pedaladas Fiscais”*, publicado pela Revista de Direito Brasileira em 2016, logo após esses acontecimentos, no qual segundo ela:

A própria lei que regulamenta o benefício social autoriza o repasse pelo agente operador (no caso, a Caixa) aos beneficiários em caso de insuficiência de recursos. E o parágrafo único do referido artigo afirma que a União deverá pagar o seu débito, com a devida atualização. O caso em análise muito se assemelha ao instituto do “cheque especial” e, como se sabe, a sua utilização não configura infração (Sales, 2016, p. 72).

Tudo aconteceu muito rápido e de forma articulada, saindo dos protestos em 2013 até o escândalo político-econômico envolvendo a Presidenta 2016, o Brasil passou anos preso em um plano de acirramento social e político até chegar ao ponto do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff. O qual teve início efetivamente em 2 de dezembro de 2015, mas foi finalizado em 31 de agosto de 2016, esse processo passou por diversas instâncias de poder Legislativo: Câmara dos Deputados, Supremo Tribunal Federal (STF), Senado Federal até retornar para o Plenário da Câmara.

A justificativa de golpe teve início quando a agora deposta Rousseff acusou o seu vice-presidente, Michel Temer, e o na época presidente da Câmara, Eduardo Cunha, de conspiração, isso porque o processo de *impeachment* quando foi aceito por Cunha não incluía o vice-presidente Temer sob as acusações de improbidades fiscais, livre disso logo assumiu a Presidência do país. Com todos esses acontecimentos a popularidade da Dilma Rousseff entrava em uma decadência sem fim, chegando até a ser associada com a operação Lava Jato que é definida pelo (MPF) Ministério Público Federal como: uma das maiores iniciativas de combate à corrupção e lavagem de dinheiro da história recente do Brasil, teve início em março de 2014, e atingiu o governo quando “além de envolver a maior estatal do país, a Petrobrás, nomes do PT e de integrantes do governo Dilma foram acusados de estarem envolvidos com esquema de propinas” (Veiga, Dutt-Ross, Martins, 2019, p.4).

São nas entrelinhas desse processo que podemos observar a nova direita ganhando espaço nas disputas políticas sem até esse momento necessitar participar diretamente no desenrolar dos acontecimentos, mantendo-se sempre as sombras maquinando e manipulando os protagonistas temporários. A operação recebeu grande cobertura midiática e as passeatas nas ruas se avolumaram sem precedentes, mas a imagem do seu Vice até então e futuro Presidente, Temer que era do Partido Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) que é consagrado como um partido de ideologia centro-direita, não foi afetado pelas investigações ou a revolta popular.

Seu posicionamento ideológico é algo que pode ser considerando um passo marcando para a reviravolta da polarização política que a tempos estava nas mãos do PT e da esquerda, saindo de um extremo para o meio, o percurso reto da linearidade parecia estar ao alcance dos olhos o momento em que a nova direita iria finalmente assumir a liderança do país.

Durante todo esse acontecimento abriu-se um espaço para os pequenos grupos que tinham perfis mais conservadores, em meio ao caos havia os que gritavam pedindo a intervenção militar, pois, só assim o país teria ordem para continuar o progresso. A vulnerabilidade consequente da crise política e socioeconômica estabelecida no país parecia deixar o eleitorado sem opções, até o período de campanha eleitoral, onde de um lado estava a esquerda representada por Fernando Haddad, nome conhecido pois foi ministro da Educação de 2005 a 2012 e do outro lado como esperado estava o candidato da nova direita. O inesperado era a figura que se apresentava, Jair Messias Bolsonaro que era Deputado Federal no qual seu maior momento de visibilidade foi durante a votação na Câmara dos Deputados

sobre o impeachment da Dilma Rousseff, no qual Bolsonaro se destacou ao louvar, em plenário, o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, que foi declarado torturador pela Justiça.

Nesse dia de glória para o povo brasileiro, tem um nome que entrará para a história nessa data pela forma como conduziu os trabalhos dessa Casa. Parabéns presidente Eduardo Cunha. Perderam em 64, perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve. Contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff. Pelo Exército de Caxias, pelas nossas Forças Armadas, por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim (Bolsonaro, 2015).

É evidente o autoritarismo presente em seus discursos, carregados de uma ideologia que incita ao ódio e à segregação, passou então a ser utilizado como estratégia política, visto que cada vez mais as pessoas se identificavam com suas falas. O objetivo era criar novas diretrizes deixando marginalizadas minorias como os homossexuais, as mulheres, os negros, e os mais pobres, principalmente desmerecendo a classe acadêmica e científica, não só questionando, mas negando fatos históricos para criar uma narrativa revisionista e reacionária que buscava descredibilizar e diminuir acontecimentos como o Holocausto e justificar a Ditadura Militar no país.

Era indubitável o risco à democracia, mas acreditamos que vivemos em um país democrata, onde o que prevalece é a vontade da maioria, do coletivo e não de alguns apoiadores conservadores, mas o que vimos foi uma identificação em massa, uma população ludibriada por discursos que prometiam o fim da corrupção, no qual o Brasil ficaria acima de todos, em meio ao caos era o que todos buscavam, um salvador, o messias.

Este era um fato preocupante pois frente a era da internet, do conhecimento científico e das inúmeras formas de acesso à informação, principalmente com a conectividade diária as redes sociais, as plataformas de pesquisa, as notícias e aos fatos, parecia que esse grupo preferia ignorar a verdade em prol das suas crenças pessoais, aqui entramos de fato na pós-verdade e nas fake news, que mantiveram a campanha eleitoral de Bolsonaro.

Uma figura que soube bem se aproveitar da narrativa e colocar o contexto ao seu favor, tal como Benito Mussolini que travava uma luta contra o comunismo na Itália, e quem diria que retornaria o fantasma do comunismo, e pior, quem diria que retornaríamos aos tempos em que o fascismo estaria escancarado na sociedade, surgia-se então o bolsonarismo, a escritora Cris Guimarães Cirino Da Silva (2020) trata de discutir isso:

O termo bolsonarismo tem sido amplamente utilizado para caracterizar práticas populistas que combinam ideias neoliberais e autoritárias embutidas nas falas do atual presidente do Brasil Jair Bolsonaro e seus seguidores. São enunciados que incitam a banalização e normalização de discursos de ódio como uma verdade inquestionável, uma vez que funcionam como o antídoto que resgatará o país de um descontrole implantado e alimentado por ideias de esquerda (Silva, 2020, p.34).

Vemos um discurso conservador que é voltado para a moralidade política e social, com base num fundamentalismo religioso, estes foram os aspectos que levaram Bolsonaro até a presidência em 2018. Ainda existem outros fatores em cena, como o financiamento por meio da adesão dos líderes evangélicos que financiaram à sua candidatura em prol do conservadorismo e da moral cristã, além da mudança na forma de mobilização popular que agora seus apoiadores utilizavam como forma de disseminação discursos e fake news redes como WhatsApp, Facebook, Twitter ou plataformas de informações específicas.

Em uma entrevista para o Jornal Nacional, que pode ser considerada decisiva para a reviravolta em torno das intenções de voto, Bolsonaro em rede nacional durante o horário nobre afirmou: “Eles tinham acabado o 9º Seminário LGBT Infantil. Estavam discutindo ali, comemorando o lançamento de um material para combater a homofobia, que passou a ser conhecido como “kit gay”. Entre esse material, Bonner, estava esse livro lá, Bonner. Então, o pai que tenha filho na sala agora, retira o filho da sala, para ele não ver isso aqui. Se bem que na biblioteca das escolas públicas têm. (Bolsonaro,2018).

Logo após essa fala o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) mandou tirar do ar todos os vídeos em que ele falava sobre isso, fica claro que isso é uma fake news, pois se tratava da cartilha “Escola Sem Homofobia” supervisionada pelo MEC, que buscava desenvolver atividades de combate à homofobia. Os seus apoiadores relacionaram diretamente ao PT e ao candidato Haddad, que era Ministro da Educação na época em que a cartilha estava em desenvolvimento, a disseminação foi sem proporção, chegando em todas os meios midiáticos, a grande maioria da população caiu nessa e os discursos conservadores se propagaram cada vez mais, diminuindo a popularidade de Haddad e aumentando a de Bolsonaro que se mostrava um líder defensor ferrenho da família tradicional brasileira.

2.3 Mídia como instrumento político oficial da direita

O início do século XXI marca uma série de transformações nas áreas políticas, econômicas e culturais, todos esses âmbitos agora passam a ser interligados pela internet. Com a globalização e o capitalismo, o acesso à informação se tornou cada vez mais necessário, todo o mundo passa a estar conectado simultaneamente, de uma ponta a outra é possível saber o que acontece, e além disso, é possível compartilhar. Dessa forma, a mídia se torna uma protagonista em nossas vidas, desempenhando um papel crucial na disseminação de informação, na formação de opinião pública e conseqüentemente no funcionamento da democracia. Além é claro de ser uma forma de entretenimento, ou seja, existe através dela um impacto e influência na sociedade que acaba modelando nossas visões de mundo.

Como visto anteriormente, se reunindo todos esses aspectos citados em prol de algo, a mídia pode se tornar uma arma sistematizada para a política, foi o que aconteceu nos casos exemplificados na Primavera Árabe em 2011, na eleição para Presidente dos Estados Unidos em 2016 e na eleição para Presidente do Brasil em 2018. Tais acontecimentos demonstram as novas direitas utilizam das mídias para mascarar seus discursos fascistas, autoritários, conservadores e neoliberais, visto que é por meio da manipulação de discursos e da criação de fake news que eles buscam caluniar os grupos de oposição e ridicularizar as minorias da população, ao ponto de excluir e deixá-los cada vez marginalizados, agindo em prol dos interesses de uma burguesia.

Com relação ao papel da mídia durante os movimentos, em destaque o caso da Primavera Árabe, Manuel Castells (2013) desenvolve como, apesar de terem motivações muito diferentes, esses movimentos apresentam algumas características comuns, rejeição a partidos políticos e à mídia tradicional, a falta de uma liderança única e bem definida, além da necessidade estruturar e realizar forte uso das mídias sociais em prol de suas demandas. A partir disso pode-se perceber como as mídias digitais são ferramentas que além de conectar esses diferentes atos, é utilizada se aproveitando da falta de organização política ou partidária para sustentar movimentos subversivos, que pregam atos revolucionários visando à transformação ou derrubada da ordem já estabelecida.

Isso acontece porque grupos sistematicamente usam dos sites e redes sociais, que buscam estabelecer a estruturação de um movimento único, ou seja, de uma identidade coletiva e mobilizar simpatizantes e organizações ligadas ao tema. Sendo assim, uma ferramenta que deveria ser utilizada como meio de junção e comunicação organizada dos

movimentos sociais, passa a ser manipulada por grupos políticos, aproveitando das produções de conteúdos independentes a fim de levar essas organizações ao extremo visando o caos.

Dessa forma, no artigo *A Guerra ao Iraque á Primavera Árabe: Mídias digitais e ativismo transnacional* (2019), os autores Vivian Mannheimer, Arthur Ituassu e Leticia Capone, desenvolvem que:

É certo que no caso dos protestos do Egito e da Primavera Árabe, em geral, as mídias sociais tiveram um papel importante para formar um público em torno da questão, divulgar conteúdos e informações, mas é preciso ter em mente que a quantidade de pessoas que usaram as mídias sociais para protestar de alguma forma corresponde a uma parcela muito pequena da população (Mannheimer, Tuassu, Apone, 2019, p.107).

Vemos que no ano de 2011, ele passa a ser considerado pela *Revista Time* como o “Ano do Manifestante”, devido aos protestos ligados a Primavera Árabe, acontece porque enquanto os movimentos antiglobalização¹⁵ eram desenvolvidos por uma minoria oprimida, os movimentos considerados contemporâneos são desenvolvidos por uma maioria que também pede mudanças, como se pode ver em um slogan utilizados por esses grupos do movimento egípcio “somos os 99%”, ou seja, pode-se entender que eles são a maioria da população e também buscavam suas reivindicações.

Embora afirme que a grande maioria está envolvida nesses protestos, observa-se que na realidade o controle das mídias está nas mãos de uma minoria, mas em 2011 as manifestações intensificaram-se a partir da difusão de informações através de mensagens entre aparelhos móveis e de redes sociais, tais como facebook, twitter e blog, conduzidos por cidadãos comuns, (Vieira, 2013). A partir desse momento, essa minoria que era formada por grupos revolucionários, começou a atuar ativamente online, difundindo informações por todos os meios possíveis para disseminar as informações em massa para chegar à maioria da população.

¹⁵ São considerados movimentos de cidadãos que lutam pela justiça e por uma política econômica e social mais igualitária. VIEIRA, Vivian Patricia Peron. O papel da comunicação digital na primavera árabe: apropriação e mobilização social. In: **V Congresso da Compólitica**, 2013, Curitiba - PR.: Universidade Federal do Paraná, 2013. p. 1-22. ISBN ISSN 2236-6490. Disponível em: http://compolitica.org/novo/anais/2013_GT05_VivianPatriciaPeronVieira.pdf. Acesso em: 12 out. 2023.

Antes de exemplificar tal acontecimento, é importante mencionar como uma pequena quantidade de pessoas podem usar de uma ferramenta para incitar a população ou até mesmo manipular através de meias informações ou acontecimentos chocantes para causar uma onda de apoio aos mesmos. Tem-se exemplos que passam desde a Tunísia ao Egito, da força que a mídia tem e as consequências dos atos que levaram a ocorrência da Primavera Árabe:

Pavlik (2011) conta que o executivo da Google, Wael Ghonim, criou uma página importante no Facebook dedicada a um menino egípcio, Khaled Said, que foi morto pelas autoridades egípcias leais ao ex-presidente Hosni Mubarak. A página foi um recurso de crítica ao regime egípcio que levou muitos egípcios a saberem dos abusos do regime do Mubarak e fomentou revoltas (Vieira, 2013, p.11).

Esse é um dos acontecimentos incitantes aos levantes árabes, tendo também como destaque a propagação de informações sobre os regimes autoritários escancarando a corrupção e abusos de poder, que eram constantemente abafados, o que só aumentou a revolta da população e a necessidade de uma mudança política.

Já no caso das Eleições em 2016 nos Estados Unidos, o papel das mídias teve uma conotação mais política e econômica, se tratava de um acontecimento milionário pois envolvia diversos canais digitais e midiáticos, assim como canais televisivos, com uma cobertura de qualquer fala dos candidatos.

Muitas dessas coberturas eram realizadas a fim de denunciar discursos extremistas, mas de qualquer forma eles acabaram fazendo uma propaganda política gratuita, pois ao repassar as notícias, do outro lado sempre tem alguém que se identifica com os absurdos que estão sendo ditos, essa se tornou a forma de fazer política do candidato Donald Trump, gerar um sentimento de identificação sob o outro. Ana Rosa de Carvalho, desenvolve uma monografia sobre essa temática, chamada de *@realDonaldTrump: o papel do Twitter de Donald Trump e das mídias sociais nas eleições estadunidenses de 2016* (2018), a autora analisa os fatores que englobam o funcionamento da mídia estadunidense e o papel das redes sociais na eleição de Donald Trump a Presidente:

Os canais de notícia reproduziam os discursos de Trump como um espetáculo – como um reality show. A CNN, em particular, realizava uma cobertura constante do candidato, interrompendo sua programação ao vivo para mostrar seus discursos, por exemplo[...]Seu comportamento bizarro e

incomum para um candidato a presidência era tratado como notícia urgente, e replicado (Carvalho, 2018, p.64).

Outra ferramenta utilizada era sua conta pessoal no Twitter, uma grande disseminadora de sua retórica e discursos, seu alcance era imenso e cada palavra sua parecia fortalecê-lo mais ainda, mesmo quando o próprio era um dos maiores disseminadores de fake news, em relação ao governo vigente e a candidata da oposição Hillary Clinton. É estarrecedor quando analisada a situação, em que a maioria dos estadunidenses acreditavam nas palavras ditas por Trump, que utilizava as redes sociais para proferir discursos com um linguajar rude e ofensivo realizando ataques a qualquer um que fizesse oposição a suas falas.

Evidências recentes mostram que: 1) 62% da população adulta dos Estados Unidos consomem notícias pelas redes sociais (GOTTFRIED; SHEARER; 2016); 2) as histórias de fake news mais populares foram mais compartilhadas no Facebook do que as histórias mainstream mais populares (SILVERMAN; 2016); 3) muitas pessoas que veem notícias falsas acreditam nelas (SILVERMAN; SILVER-VINE; 2016); 4) As notícias falsas mais discutidas costumavam a ser favoráveis a Donald Trump em detrimento de Hillary Clinton (SILVERMAN; 2016). (ALLCOTT; GENTZKOW; 2017: 212, grifos no original) (Carvalho, 2018, p.27).

Por já estar a muito tempo frente às mídias, Trump soube manipular as mesmas ao seu favor, com isso ele construiu uma plataforma sólida para sua base de apoiadores, os quais ele estava sempre em contato direto por meio das redes sociais, com isso ele foi ganhando credibilidade enquanto descredibilizar os jornais e redes televisivas, afirmando que as mesmas eram propagadoras de notícias falsas.

No meio político Trump utilizou uma estratégia de polarização, no qual fazia uma oposição aberta ao cenário político existente nos Estados Unidos, tendo diversos posicionamentos controversos e fazendo declarações incendiárias. Como por exemplo, na frase dita por ele em 16 de junho de 2015 no discurso de lançamento de sua campanha eleitoral "Vou construir um grande muro - ninguém constrói muros melhor do que eu, acreditem - construirei um por muito baixo custo. Vou construir um grande, grande muro em nossa fronteira sul e vou fazer o México pagar por este muro".

Vemos uma situação em que as mídias foram utilizadas tanto para disseminação de discursos, como também para a propagação de notícias falsas, que acabaram dando visibilidade a um candidato que não era sequer levado a sério no meio político estadunidense,

isso mostra como a mídia tem um poder transformador sobre a imagem das pessoas, seja para o bem ou para o mal.

Outra pessoa que soube utilizar disso ao seu favor foi Jair Messias Bolsonaro nas Eleições de 2018 no Brasil, uma figura pouco conhecida no meio político, embora tenha sido deputado por muitos anos não tinha relevância o suficiente para concorrer a presidente, mas foi um dos que soube manipular a situação política ao seu favor, através dos já conhecidos discursos reacionários e conservadores na nova direita.

Assim como Trump, Bolsonaro utilizou das redes sociais para interagir com seu eleitorado, com falas que tinham como foco seu discurso anticorrupção e antipetista, aproveitando o momento de polarização no cenário político brasileiro. Somado a isso tem-se o poder sem precedentes do WhatsApp em 2018 na difusão de fake news, o aplicativo foi a arma de disparos de notícias e informações falsas durante o período de campanhas eleitorais, no qual os grupos de apoiadores formaram uma base sistematizada de disseminação de fake news. Dando continuidade a uma série de pesquisas que surgiram com o intuito de discutir esses fenômenos, temos a autora Natalia Ribeiro Levy Boquady:

Também houve no período eleitoral uma grande agitação acerca da suposta insegurança das urnas eletrônicas. A estimativa do mesmo instituto é a de que 86% do eleitorado tenha sido exposto a notícias com esse teor. Segundo o DAPP/FGV, essa foi a informação falsa mais citada no Twitter, com 1,1 milhão de tweets entre 22 de setembro e 21 de outubro de 2018. Notícias sobre o kit gay ficaram em segundo lugar, com 1 milhão de tweets (Boquady, 2018, p.79).

A autora desenvolve em sua tese sobre a proporção tomada pelas fake news que estavam sendo disseminadas por estes grupos específicos vinculados aos partidos de direita, logo, vinculados a Bolsonaro. Assim o candidato ganhou visibilidade com suas falas apoiadas em informações falsas e discursos de ódio, e embora possua uma índole duvidosa, ainda assim obteve um reconhecimento notório. Analisando essas duas eleições e o perfil dos candidatos, parece que para a nova direita o que importa é ser visto e ouvido custe o que custar.

Além do uso da narrativa ao seu favor, as estratégias discursivas e o uso da retórica utilizadas para associar o candidato a discursos em prol da defesa da “família tradicional brasileira”, do uso das fake news espalhadas em torno do “kit gay” e da efetiva oposição a

esse método de ensino, considerando também a oposição à “ideologia de gênero”¹⁶. Nesse sentido, a campanha de Bolsonaro recebeu um apoio em massa dos setores conservadores da sociedade brasileira, que se uniram à população antipetista que crescia desde 2011 formando uma legião de apoiadores.

A partir disto, entende-se como foi arquitetado todo um sistema, com uma narrativa destrutiva a fim de criar um “inimigo” que precisava ser combatido, tendo como objetivo causar um terror social, para posteriormente apresentar um “messias” que seria a salvação da população brasileira. No artigo *“Fake news acima de tudo, fake news acima de todos”*:

Bolsonaro e o “kit gay”, “ideologia de gênero” e fim da “família tradicional”(2018), os autores

Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão, Fernanda Marina Feitosa Coelho e Tainah Biela Dias, brilhantemente desenvolvem sobre o uso de discursos específicos, utilizados por Bolsonaro na sua campanha eleitoral, com a finalidade de manipular informações e pessoas, e assim, causar atritos entre o eleitorado e dúvidas a respeito da índole e das declarações dos seus concorrentes:

Elocubrados, majoritariamente, por aqueles que compõem a Frente Parlamentar Evangélica (FPE) e parlamentares afinizados aos posicionamentos desse grupo, o combate aos direitos sexuais e reprodutivos têm sido colocados em nome da defesa da “família tradicional” contra tudo aquilo que se configure ameaça aos valores tradicionais e à moralidade religiosa. Essa bandeira foi capaz de se perpetuar e se estender até o pleito eleitoral de 2018, contribuindo para a vitória do candidato Jair Messias Bolsonaro, nacionalmente conhecido por sua oposição aos direitos das reprodutivos mulheres e direitos sexuais de pessoas LGBT+IQ (Maranhão, Coelho, Dias, 2018, p.68).

¹⁶ A ideologia de gênero afirma que o homem e a mulher não diferem pelo sexo, mas pelo gênero, e que este não possui base biológica, sendo apenas uma construção socialmente imposta ao ser humano, através da família, da educação e da sociedade. Afirma ainda que o gênero, em vez de ser imposto, deveria ser livremente escolhido e facilmente modificado pelo próprio ser humano. Ou seja, ao contrário do que costumamos pensar, as pessoas não nascem homens ou mulheres, mas são elas próprias condicionadas a identificarem-se como homens, como mulheres, ou como um ou mais dos diversos gêneros que podem ser criados pelo indivíduo ou pela sociedade. Tondello, Dom Neri José. Nota da CNBB: “ideologia de gênero”. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil: Regional Oeste II. Publicado em 6 de junho de 2015. Disponível no site: <http://www.diocesederondonopolis.org.br/2015/2015/06/nota-da-cnbb-ideologia-de-genero/>.

Como já citado anteriormente, isso se trata de uma fake news disseminada por partidos de direita e apoiadores de Bolsonaro, com a intenção de difamar a imagem do candidato Fernando Haddad, pois dizia que o mesmo estimulava o homossexualismo e a promiscuidade. Na realidade se trata de um conjunto de materiais que visava nada mais nada menos do que combater a homofobia nas escolas brasileiras, conforme o que foi apresentado pelos autores era: Composto por um caderno, boletins, audiovisuais, cartaz e carta de apresentação para os/as gestores/as em educação, este kit anti-homofobia era parte do Projeto Escola sem Homofobia, proposto pelo Ministério da Educação, à época encabeçado por Fernando Haddad e por ONGs nacionais e internacionais e avalizado pela UNESCO (Maranhão, Coelho, Dias, 2018, p.69). Percebe-se que a propagação de informações falsas ou incompletas, que foram transformadas e aceitas pelo senso comum, são de fato um risco para a tomada de decisões democráticas, isso porque afeta as relações sociais de uma forma irreversível, uma vez que as crenças e interesses pessoais são colocados acima da democracia, principalmente quando o representante do Governo é o maior apoiador de tais atos, vemos um risco a sociedade, provocando uma subversão da realidade, nos colocando de frente a temida constatação, estamos de fato na era da pós-verdade.

Como visto anteriormente Hirschman em *The Rethoric of Reaction, O pensamento conservador* ou *A retórica da intransigência* (1991), em que o autor apresenta o modo de argumentar dos conservadores, associado a essa nova direita, no qual eles utilizam da retórica e da narrativa para desenvolver discursos a fim de persuadir o interlocutor, ou seja, o outro. Fica evidente a importância dos discursos, pois eles são capazes de manipular grandes massas quando colocados frente a um debate intelectual, essa persuasão passa a oferecer provas que possam ser sujeitas a um exame racional, essa retórica entra no imaginário das pessoas as fazendo duvidar de fatos concretos e acreditar em alegações que utilizam de metáforas, históricas e comparações, dando mais importância ao senso comum e a ideais pessoais, deixando tudo subentendido e subjetivo aos interesses particulares.

CAPÍTULO 3 - ASCENSÃO DAS NOVAS DIREITAS: O USO DAS MÍDIAS COMO FERRAMENTA DE MANIPULAÇÃO.

Este terceiro e último capítulo, se dedica a fazer uma investigação mais detalhada acerca de tudo que foi discutido até aqui, a fim de chegar à questão essencial de como as novas direitas utilizam das ferramentas midiáticas para manipular a população através dos

seus discursos, operando da narrativa e da retórica. Para tanto, será feito um estudo de caso analisando essas questões quando aplicadas mediante a plataforma de informações intitulada Brasil Paralelo.

Neste sentido serão exploradas características como a categoria midiática na qual está inserida, a forma de atuar da plataforma e sua capacidade de alcance, tendo como foco principal os artigos publicados pela mesma, para fazer uma verificação dos fatos e posteriormente apontar o meio de operacionalização usado na escrita e disseminação das notícias.

Os artigos escolhidos para a pesquisa giram em torno de temáticas como educação, política e dia-a-dia, são eles: *O que Paulo Freire defendia?* que busca desenvolver sobre como suas obras doutrinaram alunos e prejudicaram a educação brasileira, o segundo *Uma esquerda totalitarista e fascista? Conheça o autor que se decepcionou com o PT e hoje critica a ditadura do pensamento único*, O qual trata-se de uma entrevista com autor de esquerda que está atacando a própria esquerda por considerá-la totalitarista, e por fim, *A história da Maria da Penha pode ter mais nuances do que parece à primeira vista*, que se trata de conforme está citado no site, uma investigação paralela, que alega analisar uma série de documentos, evidências jurídicas e relatos de testemunhas, com a finalidade de comprovar que a história de Maria da Penha, pode ser diferente da que foi divulgada.

Busca-se então a investigação desses objetos de estudo apresentados, os quais desde já demonstram em seus títulos a busca por desenvolver e reinterpretar acontecimentos de forma tendenciosa, com isso, é salientado o impacto da pós verdade na sociedade, direcionando a uma análise mais profunda sobre o efeito na produção historiográfica, a partir de uma contextualização de autores, gerando uma pesquisa mais específica voltada para os resultados de uma pseudo-ciência liderada pelas novas direitas.

Neste sentido, o debate presente neste capítulo constitui-se levando em conta o caráter prático e teórico, realizando uma discussão que inicia-se a partir da escrita da história, seguindo para a análise dos materiais textuais, fontes para a pesquisa, fechando o estudo com considerações importantes e essenciais para reflexão e entendimento da problemática colocada.

3.1 - A influência da Mídia na escrita da história e o Brasil Paralelo

Pensando na contemporaneidade, se baseia nas representações históricas existentes, no

crescimento exponencial de fake news e uma enxurrada de narrativas que bombardeiam os meios de comunicação os quais com tanta informação multiplicam a desinformação e manipulam dados e pessoas, é exatamente o ponto chave da problemática, a necessidade de um espírito crítico. A produção historiográfica busca relacionar estes, cabendo ao historiador eliminar essas verdades pretensiosas, discursos negacionistas e falsos, acometidas a essa nova era, uma difícil tarefa dado o momento no qual seus trabalhos estão cada vez mais desvalorizados e desacreditados, essas produções se mostram essenciais.

Em suma, é o caráter histórico e crítico que constitui toda a reflexão por trás desses conceitos, teoricamente deve-se perceber a complexidade que rodeia esses “simples” conceitos, Reinhart Koselleck mostra como a História é feita de forma sistemática a fim de interpretar e compreender os conhecimentos, “Todo conceito se prende a uma palavra, mas nem toda palavra é um conceito social e político” (Koselleck, 2006, p. 108). Somente a partir de uma pesquisa sistematizada podemos estruturar o caminho a ser percorrido em busca da verdadeira história, isto está ligado tanto a utilização dos fatos quanto a um valor moral que de certa forma define nossa forma de contar tal acontecimento.

A ciência histórica, ao levar em conta o ponto de vista temporal, transformase em uma disciplina investigativa do passado. Essa temporalização das perspectivas foi certamente favorecida pelas rápidas transformações da experiência provocadas pela Revolução Francesa. Tais rupturas de continuidade pareciam querer livrar-se de um passado cuja crescente estranheza só poderia ser esclarecida e recuperada pela pesquisa histórica (Koselleck, 2006, p. 174).

Portanto, para investigar e realizar uma pesquisa histórica utiliza-se de métodos e conceitos a fim de contextualizar todos os fatos, mas para isso não podemos estar presos ao passado, o indivíduo, suas experiências e a linguagem influenciam diretamente na construção da história. Cabe aos historiadores desenvolver produções que possam instigar os indivíduos a se interessarem, buscar e estudar os acontecimentos históricos tal como sua veracidade e ter um posicionamento crítico sobre.

A pós-verdade é um fenômeno que pode somente ser combatido com o conhecimento, a história como autora de pensadores críticos entra como protagonista dessa discussão, guiando para uma análise da realidade, do meio social, da fala e da escrita, sujeitos das produções historiográficas. Tem como finalidade transformar o conhecimento histórico em uma ciência desacreditada e seus pesquisadores desacreditados, dando reconhecimento e

valorização aqueles ditos profissionais que seguem seus ideais políticos, agindo como facilitadores da adulteração dos fatos e indução de “novas perspectivas”, chamadas de revisionismo negacionista.

A partir disso, pode-se ver mais detalhadamente a importância da mídia nesses atos, deve ser entendido as controvérsias que envolvem as narrativas ou interpretações históricas divergentes, a fim de refletir sobre elas. Assim, pretende-se entender as limitações e dificuldades enfrentadas pelos historiadores que veem o compartilhamento de falsas informações com audiências ampliadas mediante produções midiáticas. Nesse processo, é evidente a atuação desses produtores que seguem uma série de estratégias em que leva em conta ideia de audiência e de consumo de conteúdos, implicando na construção de uma linguagem que se adequa a determinado tópico, e adapta a compreensão crítica por meio de “fatos” de determinados acontecimentos históricos visando um público leigo. Segundo o autor Jurandir Malerba (2017):

Segundo Foster, a Web 2.0 afeta a forma como as pessoas interagem umas com as outras, incluindo o modo como os historiadores públicos e as pessoas comuns se conectam com a história. Fóruns online, blogs, dispositivos portáteis, aplicativos celulares, tablets, mídias sociais e uma incontável gama de plataformas digitais têm facilitado um maior grau de “envolvimento do usuário” (user engagement), em que qualquer pessoa com acesso à web é capaz de contribuir para a compreensão sobre o passado (Malerba, 2017, p.143).

Cada vez mais pessoas estão usando tecnologias e ferramentas online para “acionar o passado”, ou seja, escrever suas próprias perspectivas daquilo que aprenderam. Tal constatação leva à situação em que estamos hoje, na qual não só a mídia como também as pessoas são um conjunto para difusão da ideologia das novas direitas. Nenhuma informação ganha relevância até ser dada a ela relevância, é primeiramente nesse lugar que entram as massas, em segundo lugar está na crença cega dessas notícias e na onda de disseminação que segue o recebimento. De fato, os partidos de direita acabaram encontrando nos últimos anos uma fonte de divulgação e propaganda gratuita.

Adentrando nesse contexto de plataformas de produção de conteúdo da nova direita, coloca-se em foco a produção revisionista do Brasil Paralelo, ela possui um site próprio, bem como outros meios midiáticos, como o canal no YouTube que contém 3,46 milhões de inscritos. É importante ressaltar que essa é a forma a qual Nova Direita atua, ou seja, como a política acontece, utilizando de elementos centrais revisionados para a construção de uma

narrativa anticiência em séries documentais produzidas em seu canal, realizando práticas de subjetivação da realidade para o público.

Como também a plataforma que surgiu em 2016, aproveitando as ondas de manifestações contra o governo Dilma, a fim de desenvolver uma rede de apoio a favor de mudanças políticas. Assim, segundo a própria plataforma, em sua aba de informações sobre o seu desenvolvimento, foi fundada a fim de resgatar os “bons valores” e o sistema meritocrata, pelos idealizadores Henrique Viana, que trabalhou com gerenciamento de carreiras artísticas, Felipe Valerin, que é fotógrafo, diretor de expansão e já atuou no mundo do entretenimento como cantor e Lucas Ferrugem, que é produtor e diretor. Todos egressos da Escola Superior de Propaganda e Marketing, uma instituição considerada de elite devido o valor das mensalidades pagas para estudar na mesma, além de serem seguidores do Olavo de Carvalho.¹⁷

As produções são autodeclaradas como cunho educativo, o qual busca narrativas alternativas que visam um “justo” revisionismo histórico, bem como luta para resgatar e transmitir o que foi negado/obstruído na educação formal (Silva, Zamparetti, 2021).

Embora se definam como uma organização apartidária e totalmente independente do estado, seus conteúdos disponibilizados contém uma visão de direita e que, apesar de ser revisionista, estão voltados mais para a negação dos fatos. Por ser uma empresa independente ela é mantida através da assinatura de pacotes e a aderência de membros, no qual ao se tornarem membros além do acesso às informações abertas ao público geral, eles passam a ter acesso a materiais exclusivos. No seu próprio site é possível a ter acesso às informações desde as suas propostas para criação dessa ferramenta, até os objetivos e os conteúdos que são disponibilizados:

uma empresa de mídia, privada e 100% independente. [...] Os assinantes tornam-se membros da Brasil Paralelo, acessando conteúdos exclusivos e fazendo formações por meio de cursos especiais do Núcleo de Formação. Oferecemos cursos de história, economia, filosofia, ciência política, arte e educação (Brasil Paralelo, 2020).

¹⁷ Disponível em: <https://br.linkedin.com/in/henrique-viana-95173129>; <https://br.linkedin.com/in/filipe-valerim221105104>. Acesso em 19/10/2023.

Os criadores afirmam o caráter de escrita e o “embasamento teórico” em produções que seguem a linha de pensamento de Olavo de Carvalho¹⁸, no qual consiste na junção fatos isolados a fim de criar uma visão de mundo particular. Assim difundem a ideia de que a história oficial omitiu e omite grande parte da verdade, levando a uma descrença massifica na metodologia científica, nas instituições oficiais e nos pesquisadores, plantando a semente da dúvida sobre as narrativas historicamente desenvolvidas ao longo do tempo. Se destaca, por sua capacidade de integrar em seu fazer de marketing empresarial, dinâmicas de manipulação de consumo, com ativismo político antidemocrático e anticientífico (Finger, 2021).

A partir disso, é necessário analisar essas produções para obter evidências das predileções dos discursos utilizados, tal como observar a forma de produção escrita dessa plataforma, englobando suas técnicas de convencimento para explorar como eles utilizam da retórica e da narrativa especificamente em seus artigos.

Nos quais, visam não só um revisionismo, mas também um negacionismo embasado em pesquisas e pesquisadores ideologicamente da direita, que deixam de lado a averiguação e sustentação de fontes, em prol de uma história que favoreça as elites. Realizadas por um exorbitante número de palestrantes sem nenhuma formação profissional, acadêmica ou científica, e que são credibilizados pela simples ocorrência de serem apresentados como professores e pesquisadores.

“A ideia era conectar a falta de conhecimento das pessoas com aqueles que sabiam o que falar e ainda não tinham a oportunidade de fazê-lo” (Redação Brasil Paralelo, 2021). Entre esses experts, figuram personalidades como Olavo de Carvalho, Luis Felipe Pondé, Lobão, Fernando Conrado, Luiz Philippe de Orléans e Bragança, Jair Bolsonaro, Eduardo Bolsonaro, Joseíta Ustra e Rodrigo Constantino. Assim, o que começou com três estudantes universitários usando câmeras emprestadas e suas poucas economias, em 2020 já era uma empresa que faturava trinta milhões de reais ao ano—335% a mais do que em 2019—, com planos de dobrar o faturamento em 2021. E quer mais: “Queremos ser a empresa de mídia mais influente no ecossistema cultural brasileiro”, afirmou Henrique Viana, um dos sócios, em entrevista ao jornal. Folha de S. Paulo publicada em 29 de maio de 2021 (Salgado e Jorge, 2021, p.728).

¹⁸ “Olavo de Carvalho construiu um verdadeiro aparato de guerrilha semiológica, responsável pela incansável difusão de fake news visando ao reforço das convicções ideológicas da nova direita[...] A “ciência” de Olavo de Carvalho é, contudo, irresponsavelmente feita de afirmativas genéricas vagas, sem verificação por pares, sem experimentação científica, sem respaldo da comunidade dos investigadores. As fontes que cita em seu apoio são escolhidas a dedo, por meio de um viés de confirmação que exclui a possibilidade do contraditório ou qualquer percepção alternativa” Felinto,E.“Me parecer verdadeiro pelo contexto” Disponível em: Olavo de Carvalho, Conspiracionismo e a Desinformação como Programa político, p.19-20 .Revista Eco-Pós, 26 (01), 12–30. <https://doi.org/10.29146/eco-ps.v26i01.28143>.

É evidente que o interesse dos produtores é construir produções sob uma narração autoritária de reforma cultural-midiática, levando a uma reconfiguração totalmente conservadora, em torno da percepção da história, na qual vemos o nacionalismo e patriotismo da direita em foco, com o fato da volta dos “heróis” nacionais a historiografia. O principal objetivo desta plataforma de conteúdo, é basicamente alimentar a guerra das narrativas que acontece no atualcenário político-históriográfico brasileiro, se tornando ponto de referência e exibição dos valores da nova direita no país.

3.2 Análise dos discursos presentes nos artigos da plataforma Brasil Paralelo

Neste tópico será desenvolvido alguns aspectos como a categoria midiática na qual a plataforma está inserida, a qual se trata de um site publicado de forma online e gratuita na internet, além de considerar como ela influencia diretamente na sua capacidade de alcance, pois diferentemente de notícias na televisão, o público tem acesso a essas notícias de qualquer lugar a qualquer hora, bastando somente o uso de um aparelho tecnológico.

A partir dessa realidade, entende-se a necessidade de analisar as informações que estão sendo disseminadas no site, tendo como foco principal os artigos publicados pelo mesmo, com o intuito de realizar uma verificação dos fatos e a forma de operacionalização usado na escrita para a disseminação das notícias.

3.2.1 O que Paulo Freire defendia?

Esse artigo escolhido para análise se desenvolverá a partir da realização, inicialmente, da observação de alguns pontos principais que evidencia o revisionismo presente nos artigos e notícias, com a finalidade de mascarar a verdade em prol de suas ideologias e interesses próprios, isso é presente em aspectos como: as pessoas entrevistadas e os seus currículos; as visões ideológicas e o embasamento teóricos do conteúdo que está sendo apresentado; os pontos que são contraditórios às narrativas oficiais históricas.

O primeiro artigo aqui apresentado, foi publicado em 3 de maio de 2023, na aba Artigos, que engloba temáticas como Educação, História e Sociedade, e tem como título: *O que Paulo Freire defendia?* Até o primeiro momento é possível observar um título simples, no

qual qualquer um que tivesse interesse na temática poderia ler com o intuito de obter mais conhecimento sobre uma figura tão renomada como Freire. Ao acessar o artigo o leitor é colocado frente a 4 pontos principais que dizem respeito a pedagogia utilizada por ele, sendo segundo o site:

1. a educação deve formar revolucionários comunistas desde a infância; 2. não deve existir hierarquia e diferença entre professores e alunos; 3. a família tradicional é uma forma de opressão; 4. guerrilheiros comunistas são heróis da pedagogia (Brasil Paralelo, 2023).

A partir desses 4 primeiros pontos pode-se observar a pretensiosidade da matéria, que desde o primeiro momento busca deturpar as teorias e metodologias pretendidas por Freire, a fim de ligar sua imagem ao comunismo e a lavagem cerebral em jovens por meio do ensino.

Para entender como o texto é desenvolvido, é necessário conhecer as pessoas que dão embasamento ao que está escrito, além do próprio Paulo Freire que é utilizado como fonte, tem o professor da UFPB Afonso Scocuglia, que possui Mestrado em Educação (UFPB), Doutorado em História (UFPE), Pós-Doutorado em Ciências da Educação (Université de Lyon, França, 2009) e Pós-Doutorado em História e Filosofia da Educação (Unicamp, 2010), (Escavador, 2023), e está constantemente colaborando com o Instituto Paulo Freire (IPF) que é uma associação civil, sem fins lucrativos, criada e fundada em 1991. Esse autor é colocado na narrativa para dar embasamento teórico a mesma, já que está sendo “discutida” por um especialista da área.

Em seguida é utilizado falas de Gabriel de Arruda Castro, que é mestre em Política pelo *Hillsdale College*, tem experiência com jornalismo político e econômico, pesquisa e análise de políticas públicas (Escavador, 2023). Ademais, o escritor já esteve presente em outra publicação do Brasil Paralelo intitulada: *Conheça grandes desafios da educação no Brasil*, e é publicador recorrente na Revista Oeste, desenvolvida pelos jornalistas J.R. Guzzo e Augusto Nunes, com o intuito de promover matérias de viés de direita, com propostas liberais e assumidamente conservadoras. Em contraponto, percebe-se que o segundo autor é colocado para reafirmar a legitimidade da discussão, mas a partir de um ponto de vista de sua ideologia, assim como a dos desenvolvedores da plataforma, ele tem a intenção de alterar o contexto das informações, em prol do enredo que está sendo criado.

Considerando o perfil desses dois autores, percebe-se a discrepância em relação à propriedade intelectual e de fala sobre o tema, além do fato de que com uma simples

pesquisada sobre outras produções dele, é possível perceber intencionalidade na escrita do segundo autor, colocando seu nome no site de pesquisa *Google*, as notícias que aparecem sobre ele o relaciona a todo momento a revistas e sites com viés tendenciosos, o que influencia diretamente a constituição de uma narrativa contrária aos acontecimentos, e também tendenciosa.

Em relação a narrativa utilizada pelo Brasil Paralelo neste artigo, vê-se uma distorção e descredibilização aos feitos de Paulo Freire, utilizando a *Pedagogia do Oprimido (1968)* para o colocar em um lugar de doutrinador, no qual seu processo de ensino é descrito como marxista e pró comunismo. Pelos títulos dos 4 pontos desenvolvidos ao longo do artigo, diferentemente do título inicial, estes já têm o objetivo de chocar e convencer o leitor de que aquilo é algo que é realmente desenvolvido pela pedagogia de Freire, tática de convencimento que pode ser realmente eficiente aos leigos no assunto, já que acompanhado disso vem uma série de citações dele, colocadas fora de contexto para sustentar a ideia dos desenvolvedores do artigo. Um exemplo disso é a afirmação:

Baseando-se nos demais trechos das obras de Freire, é possível dizer que ele defendia que as condições ideais dos lares seria a defesa de uma educação que conscientize os filhos para a luta de classes e os estimule a participar da revolução social (Brasil Paralelo, 2023).

A mesma está relacionada a obra *Pedagogia do Oprimido (1968)*, a ideia de que a família é uma forma de opressão, a partir da questão: “E, se estas são condições autoritárias, rígidas, dominadoras, penetram nos lares que incrementam o clima da opressão”, quando entende-se realmente o pensamento e objetivo de Freire, percebe-se que se trata da criação de jovens críticos e autônomos livres em todos os âmbitos da sua vida, seja familiar, escolar ou socialmente.

Por fim, é necessário colocar, com uma perspectiva realista, qual a tese de Paulo Freire, segundo a *Pedagogia do Oprimido*, todas as suas obras são voltadas para a luta contra a visão tradicional da educação, ele critica esse sistema educacional, nomeando de "educação bancária", que basicamente trata da reprodução das desigualdades sociais e na manutenção de relações opressivas. Essa educação bancária é desenvolvida sob uma perspectiva de autoritarismo, na qual a figura do professor é aquela que possui todo o conhecimento e os estudantes são aqueles que devem receber as informações, assim o processo educacional se torna totalmente centralizado no professor, no qual Segundo Paulo Freire:

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo. (Freire, p.37)

Pode-se então associar a educação à estrutura social, no qual o exemplo está nas próprias relações estruturais entre opressor e oprimido, em que um sempre estaria em uma posição de ser superior em relação ao outro, por possuir tal conhecimento.

Para Freire cabe aos educadores encerrar o ciclo de condicionamento da reprodução das ideias, pois no seu método os educadores e educandos são considerados iguais, sem uma hierarquização, construindo um ambiente de ensino que favoreça o diálogo entre ambos, tendo como consequência uma forma de aprendizado eficiente. Nessa prática pedagógica os educandos devem se tornar ativos no seu processo de aprendizagem, desenvolvendo habilidades e pensamentos críticos, mantendo sempre a sua independência.

Paulo Freire propõe então uma educação problematizadora, há como visto, um incentivo a reflexão crítica da própria realidade dos educandos, um estímulo para que o aluno questione as estruturas de poder e busque por transformação social. É uma abordagem educacional que valoriza a participação ativa, o diálogo entre professor e aluno em busca da construção coletiva de conhecimento. Essa forma de enxergar o papel do professor e do aluno é, sem dúvidas, a maior contribuição que esse autor e educador trouxe para a educação brasileira.

Com isso em mente, fica evidente o papel do artigo, que é o de descredibilizar o autor, que busca, como já dito antes, desenvolver um ensino libertador que tem base a formação crítica do aluno, com isso ao contrário do que é descrito ao longo do artigo, a pedagogia de Freire não permite a doutrinação.

O patrono da educação brasileira e firma reconhecida mundialmente, virou foco de ataques da direita, pois em seus ensinamentos, buscam formar pessoas autônomas e livres, algo que a direita é completamente contra, já que eles buscam uma sociedade capaz de ser manipulada, com isso as pessoas devem permanecer sem conhecimento crítico, se ajustando às hierarquias em vigência e que não questionam a ordem política.

3.2.2 Uma esquerda totalitarista e fascista? Conheça o autor que se decepcionou com o PT e hoje critica a ditadura do pensamento único

O segundo artigo apresentado, está na aba de Notícias e foi publicado dia 15 de setembro de 2023, englobando temáticas como Esquerda, Ideologia e Revolução Sexual e tem como título: *Uma esquerda totalitarista e fascista? Conheça o autor que se decepcionou com o PT e hoje critica a ditadura do pensamento único*. Se tratando de uma notícia descritiva, com uma série de perguntas e citações colocadas como respostas, elaborando o texto no formato de uma entrevista com Antonio Risério.

O pesquisador é definido pelo site como o autor de esquerda que está atacando a própria esquerda que considera totalitarista, vale evidenciar que todo o texto foi construído segundo o formato e informações escolhidas pelos produtores do site, já que no mesmo contém uma observação a qual diz que boa parte das citações de Antonio Risério presentes neste texto são retiradas de suas falas no debate “*Identidade e Identitarismo*”, da Academia Brasileira de Letras (Brasil Paralelo, 2023).

Seguindo os aspectos já definidos, segue-se para uma análise do perfil e currículo do Antonio Risério, além de suas ideologias e se ele possui embasamento teóricos para discussão do conteúdo que está sendo apresentado, assim como os pontos que podem ser considerados contraditórios à narrativa. O autor possui Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (Escavador, 2023), embora na entrevista seja citado como membro partidário da esquerda, seus discursos e associações estão vinculadas a pessoas e a meios de comunicação da direita.

Um exemplo disso, é a sua presença recorrente no site *O Antagonista* que se diz um site web jornalístico, independente, investigativo e opinativo da direita política do Brasil, criado por Diogo Mainardi²⁰ e Mário Sabino²¹, no ano de 2018, o site foi um dos maiores prestadores de serviço de assessoria de imprensa informal ao Jair Bolsonaro (PSL) na sua candidatura à Presidência da República. Assim como o Brasil Paralelo ele é um dos sites noticiosos brasileiros mais acessados em 2017, com isso percebe-se cada vez mais o papel da mídia na ascensão das novas direitas no país, assim como os interesses pessoais que motivaram e motivam essas empresas na defesa da candidatura de Bolsonaro e na construção de um imaginário antipetista no Brasil (Diplomatique, 2023).

O Antonio Risério também está vinculado a outro portal online, a *Gazeta do Povo*, criado em 1919 na cidade de Curitiba, só veio ter relevância em 2015 quando se assumiu porta-

voz de pautas conservadoras como a “crítica ao comportamento homossexual” e do liberalismo econômico, crescendo de forma exponencial em 2017, quando no formato digital obteve um novo time de colunistas, todos alinhados à direita. Fora isso o autor possui um canal no Youtube com o seu nome e tem até o momento 1,35 mil inscritos.

Seus discursos utilizados pelo *Brasil Paralelo* diz mais respeito a pautas específicas do que o que está sendo colocado no título e subtítulo, as principais questões colocadas para ser “renegado” pela esquerda, são por sua oposição a questões como: aos movimentos sociais que hoje pautam o debate político como o movimento feminista eo movimento negro, e as pautas que os movimentos defendem, como a descriminalização do aborto, a educação sexual nas escolas e as questões de gênero. No qual “Para o autor, a esquerda impõe a ditadura do pensamento único em nome da diversidade, basta discordar para ser atacado e ter sua carreira arruinada.” (Brasil Paralelo, 2023).

Ao contrário das falas do Risério, os movimentos sociais, partindo de sua forma mais ampla até a específica são de extrema importância para o cenário atual no Brasil, são resultado de lutas que ao longo dos anos buscaram promover mudanças no âmbito político e cultural, “o movimento social será definido, em última instância, por sua capacidade de transformar o sistema socioeconômico no qual surgiu” (Lojkin, 1981, p.298). Para isso é sim necessário adentrar em pensamentos marxistas, pois entende-se que o movimento social é uma expressão da luta de classes, então considerando este como uma luta da esquerda, mesmo que na realidade deveria ser aceita como uma luta das massas, sem intervenção partidária, quando o autor coloca que:

Risério afirma que não é preciso nem discordar abertamente do movimento negro para ser taxado de racista, basta apenas não apoiá-lo. Isto acaba exercendo uma grande pressão social contra as pessoas que são constrangidas a apoiar algo que não acreditam para não serem taxadas de racistas (Brasil Paralelo, 2023).

Seus pensamentos e posicionamentos são automaticamente ligados à direita, pois a sua política se baseia no conservadorismo e nos valores tradicionais, resultando numa divergência ideológica no qual são mantidos os objetivos progressistas de alguns movimentos sociais.

²⁰É um crítico dos governos de esquerda, em particular do governo de Luiz Inácio Lula da Silva, sobre quem escreveu o livro *Lula É Minha Anta*.

²¹Também possui uma trajetória de publicações marcadas pelo antipetismo e pelo ultraconservadorismo, com ataques constantes aos governos Lula e Dilma

Com isso a narrativa desenvolvida ao longo do texto se mostra no mínimo tendenciosa, para amaciar o ego de um escritor dito rejeitado por uma ideologia, quando na realidade suas perspectivas não podem sequer serem vinculadas a mesma, de certa forma tem uma coesão na sua narrativa, já que no fim das contas o objetivo é manchar a imagem de um lado e por entre linhas favorecer a do outro.

3.2.3 A história da Maria da Penha pode ter mais nuances do que parece à primeira vista

O último artigo a ser analisado, foi publicado no site no dia 16 de agosto de 2020, na aba de Artigos e engloba o tema História do Brasil, tendo como título: *A história da Maria da Penha pode ter mais nuances do que parece à primeira vista*, assim como entendido pelo título instigador, se trata de um texto que se dedica a reunir argumentos através de documentos, evidências jurídicas e relatos de testemunhas a fim de mostrar um contraponto a história de Maria da Penha, que segundo a plataforma, pode ser diferente do que foi divulgado. A narrativa desenvolvida ao longo do texto tenta romantizar e justificar as ações cometidas por Marco Antonio Heredia, na época esposo da Maria da Penha, isso pode ser visto em trechos como: “Em 1983, Maria da Penha levou um tiro nas costas e ficou paraplégica. Ela continuou com Marco e até mandava cartas de amor para o marido afirmando que ele era o melhor marido do mundo, diz Marco” (Brasil Paralelo, 2023). Neste trecho que mostra a perspectiva do agressor, o site usa como justificativa aos acontecimentos o fato de que eles ainda eram um casal e apesar de tudo se amavam, outro trecho que afirma isso é:

As cartas foram enviadas quando Marco estava em Brasília buscando um tratamento mais eficaz para a esposa. Porém, dias depois de mandar essas cartas, Maria entraria com pedido de divórcio. Até este momento, ela não dizia que o tiro tinha sido disparado por Marco (Brasil Paralelo, 2023).

A partir deste momento o cenário muda e a argumentação se volta para o fato de Maria da Penha ter descoberto uma traição do seu companheiro, e como forma de retaliação passou ao acusar de violência e agressão. Com isso é construída uma narrativa em defesa do agressor, trazendo “o outro lado da história”, no qual utilizam o livro *A verdade não contada no caso Maria da Penha* e uma entrevista à Brasil Paralelo para relatar o que supostamente aconteceu sobre esse caso, no qual segundo eles: “Marco revela que, na verdade, a casa da família foi invadida por 4 bandidos e eles foram assaltados e alvejados por criminosos.” (Brasil Paralelo, 2023).

Em nenhum momento são utilizados de fatos de artifícios legislativos para embasar essa suposta investigação, os únicos nomes citados em toda a material são Ricardo Ventura, que é Pós-graduado em Psicologia, e trabalha com a linguagem comportamental com foco na linguagem silenciosa e persuasão, o qual é o tema do seu canal no Youtube com 1,43 mi de inscritos. Ele também possui sua ligação com a *Jovem Pan*, que é mais uma das inúmeras plataformas virtuais que nos últimos anos que ganharam visibilidade ao optar pela pregação do conservadorismo e apostar na ascensão das novas direitas, a partir, da figura de Jair Messias Bolsonaro, com isso darem espaço a jornalistas e comentaristas que fizeram campanha abertamente para o Bolsonaro e atacaram Lula.

O outro nome utilizado na matéria é o do Dr. Otacílio Silveira que possui graduação em Direito, mestrado em Ciências Jurídicas pela Universidade Federal da Paraíba (2003) e doutorado em Direito Público pela Universidade de Zaragoza/Espanha (2009), (Escavador, 2023). Em tese ele possui conhecimento jurídico para falar sobre a temática, já que é formado em Direito, mas o mesmo está presente em outros artigos e entrevistas realizados pela plataforma tendo o mesmo objetivo de dar uma reinterpretação ao caso Maria da Penha, que mesmo o autor falando sobre essa interpretação nunca foi aceita judicialmente, então não passa de uma especulação de um “profissional” da área.

Em decorrência de um caso que aconteceu com Maria da Penha Maia Fernandes, em Fortaleza, Ceará, foi criada a Lei Maria da Penha, que sofria agressões do seu marido, além disso, ocorreu também duas vezes, a tentativa de homicídio pelo seu agressor, no qual na primeira vez, Maria da Penha ficou paraplégica, após esse acontecimento, ocorreu uma segunda tentativa, na qual ele tentou eletrocutá-la utilizando de uma descarga elétrica na hora do banho. (IMP, Instituto Maria da Penha, 2023).

A força e vontade de viver de Da Penha a levou a denunciar os acontecimentos, que não tiveram efeito algum a mantendo nesse ciclo de agressão. Diante dessa ineficácia da justiça brasileira, ela se juntou a um grupo de mulheres, escreveu um livro e em momento nenhum se deixou calar, manifestando de todas as formas possíveis a sua indignação. (Mendonça e Britto, 2011). Antes disso, era mantido essa cruel tradição de “não se meter” nas relações entre casais, ou como o dito popular, “em briga de marido e mulher não se mete a colher”, é sobre isso que a autora Maria Berenice Dias desenvolve:

Até o advento da Lei Maria da Penha, a violência doméstica não mereceu a devida atenção, nem da sociedade, nem do legislador e muito menos do judiciário. Como eram situações que ocorriam no interior do “lar, doce lar”,

ninguém interferia. Afinal, “em briga de marido e mulher ninguém põe a colher” (Dias, 2007, p. 21).

A Lei nº 11.340/2006, se tornou um marco na história jurídica do Brasil, por agora efetivamente existir uma lei que desempenha o papel fundamental de proteção das mulheres vítimas de violência doméstica e familiar. Além disso, atua na prevenção e posteriormente numa rede de apoio psicológico e jurídico para essas mulheres. Ao contrário da narrativa criada pelo Brasil Paralelo e provavelmente aceita por aquele percentual da população conservadora que coloca a mulher em um lugar de submissão, a história é o que é, sem nuances que buscam descredibilizar a resistência e luta de uma mulher, e de todas as outras que tiveram nela um vislumbre de sua libertação.

Não deve ser dado espaço para o desenvolvimento de narrativas como essa, que tendem a favorecer somente o sistema de patriarcado, no qual atualmente abre espaço para os homens se apropriarem de um espaço de autoridade que lhes foi dado ao longo da história, o qual que após lutas e lutas foi sendo cessado, mas devido o contexto á aqueles que se aproveitam dos movimentos políticos e sociais para ganhar espaço crescendo juntamente com as ondas de ódio advindas destes.

A intenção geral da plataforma ao produzir este artigo é reforçar o patriarcado, sendo um exemplo de como as direitas são favorecidas quando o patriarcado é reforçado e as mulheres deslegitimadas, pois esse fato influencia diretamente no desenvolvimento social e político, e um cenário que favorece cada vez mais o crescimento dos homens e a diminuição das mulheres a papéis de submissão.

3.3 Uma reflexão sobre as análises e a importância do pensamento crítico

Na era da pós-verdade fica evidente a construção de uma relação de interdependência entre as mídias digitais e as dinâmicas da ideologia de direita, observando os acontecimentos de 2011, 2016, 2018 e tantos outros não existe outra conclusão se não a de que há uma polarização política entre partidos e representantes da esquerda e da direita. Com a ascensão das novas direitas cria-se no Brasil um cenário de disputas, no qual as lideranças em crescimento encontraram uma ferramenta que seria impulsionadora de suas campanhas, por meio desta atacaram adversários, e criando no imaginário da população cenários de ameaças vindas da oposição, invertendo narrativas e discursos para, assim, fortalecer o seu líder e seu grupo.

Foi provocando o sentimento de indignação, que criaram uma legião de seguidores os quais buscavam também mudança para a situação em que estava o Brasil, com isso ocorreu uma mobilização conservadora e disseminação de discursos de ódio e a intolerância à diversidade e pensamento oposto aos seus. Diante da realidade dessas tensões no meio político, ferramentas digitais, como redes sociais, sites e plataformas foram usadas para reprodução do discurso de ódio motivado por discussão política, essa se tornou uma estratégia conhecida por ser executada por candidatos para incitar manifestações, movimentos populares e principalmente nacionalistas.

Analisando esses discursos e os sistemas de comunicação, é visível a forma com que eles moldam a produção e circulação de informações, ao ponto de criar uma rede de apoio e aceitação de seus discursos. Tudo isso se relaciona no momento em que em que cada pessoa entende que a sua opinião deve ser tida como verdade, mesmo que não haja nada minimamente concreto ou embasamento teórico para sustentá-la, Segundo Silva e Zamparetti:

É importante reforçar tal ponto de vista, pois, sob um falso pretexto e utilizando desta argumentação, o revisionismo barato pode se tornar negacionismo, e, embora pareçam dois lados extremamente opostos, as fronteiras que os dividem (principalmente nas informações corriqueiras do cotidiano) são perigosamente estreitas (Silva, Zamparetti, 2021, p.9).

Consequentemente a esses atos, tornam o revisionismo e negacionismo, palavras ditas e ouvidas no nosso cotidiano, ainda mais em seu pico, como nos últimos anos, acaba assumindo a forma de anticiência, sendo assim, uma afronta aos parâmetros rigorosos da ciência. Na busca constante por autoafirmar suas visões de mundo e convicções sociais e políticas, utilizando da relativização da verdade, o indivíduo, distancia-se de um consenso coletivo e segue rumo a um senso comum em prol do individual.

Na medida em que as plataformas digitais e mídias abrem espaço para maior acessibilidade, interação e disseminação de conteúdos entre seus usuários, o torna possível ao consumidor e também um produtor de conteúdo, essas são funções básicas que abrem possibilidade a produção de conteúdos ligado aos desejos de consumo dos internautas.

Sobre a ferramenta específica, *Brasil Paralelo*, assim como os sites de informação, nesse caso, a plataforma que se autodeclarada como uma produtora de conteúdo educativo, deixa efetivamente de lado qualquer narrativa oficial colocando em seus textos pessoas que não são especialistas em suas áreas ou sequer possuem credibilidade para falar sobre as temáticas. Como visto, normalmente são homens que não têm produção acadêmica de fato

reconhecida na sua área, e utilizam de verdades pessoais, para criar uma disputa de narrativas e acender movimentos reacionários, entende-se que a internet é tudo menos um lugar neutro ou isento das relações de poder. Guareschi desenvolve que:

Por um lado, existe a distorção dos fatos; mas o que realmente surpreende é a indiferença em relação a essa distorção. Desde o momento em que o fato, verdadeiro ou não, se encaixa com as crenças do indivíduo, ele passa a ser aceito e válido para os telespectadores, ouvintes ou leitores (Guareschi, 2018, p. 22)

A preocupação também está voltada para as massas, em como as pessoas facilmente acreditam ou facilmente deslegitimam fatos em prol de interesses e ideologias, apelando para os extremismos, presentes nos discursos ou em suas atitudes, e acabam atraindo mais e mais pessoas que têm o mesmo pensamento, logo, os governos não precisam de muito esforço para manipular através da desinformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu entender como a Ascensão Das Novas Direitas e o Brasil Paralelo influenciaram na formação de uma Identidade Política na Era da Pós-Verdade, a partir dos anos de 2016 a 2023, com isso busquei algo que fosse preciso em vários âmbitos, seja no acadêmico, mais especificamente nas produções historiográficas e no meio social. Sendo assim, busquei que no desenvolvimento dessa pesquisa gerasse uma reflexão crítica e a partir disso obter cada vez mais discussões e interesse sobre o tema, vendo a falta de produções sobre a temática. Vejo que quanto mais próximo de nós, mais é possível uma construção de conhecimento livre de distorções e inverdades, portanto é absolutamente necessária a manifestação e a valorização da historiografia frente esse momento.

Essa análise crítica foi realizada em contrapartida as produções tendenciosas sobre os acontecimentos que resultaram no desenvolvimento de uma recente pseudo história, aqui colocados como negacionismo, revisionismos e fake news, pois nos encontramos não só na era da pós-verdade, mas também na era da mídia. Com isso, lidamos diariamente com novos métodos de disseminação de informações, o que facilitou o acesso a discursos duvidosos, gerando uma base de opiniões próprias, argumentação do achismo, discursos falsos e deslegitimadoras.

Pensando nos objetivos foi utilizada na pesquisa a metodologia do tipo exploratória, por meio do procedimento na coleta de dados, para obter um compilado de informações que foram aplicadas, como por exemplo, a bibliográfica e documental. Como foi o caso, gerando uma investigação demonstrativa a partir da apresentação de toda base teórica dos conceitos de pós-verdade, fake news, retórica e narrativa que estão ativamente ligados a discussão do conteúdo desde a compreensão da ação de ascensão das novas direitas até o papel da mídia e dos discursos nesse processo, para finalizar com uma análise dos discursos presente nos artigos do Brasil Paralelo.

Aqui busco fazer uma reivindicação ao nosso espaço de produção, a nosso lugar de historiadores e historiadoras, a nossa formação e a nossa ética, nos colocando no espaço frente a essas narrativas de bases frágeis e incertas, reafirmando nosso local de profissionais críticos e legítimos.

Deixo a todos uma provocação, para que ocorra a reflexão a respeito dessa temática que revela a necessidade de interpretar e reinterpretar conceitos, a partir de sua inserção na base do movimento político evidenciando como um simples dispositivo ou ferramenta passa a ser fundamental no destino da estruturação de nossas sociedades, as guiando a subversões radicais. A pós-verdade pôs em contestação todos os indicativos que credibiliza a constituição da “verdade” e do discurso verdadeiro, descredibilizando seus principais autores, os historiadores, peças fundamentais neste ato.

Por fim, nessas linhas insisto, que o legado que permaneça seja o nosso, não o deles.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Pós-verdade. **Site ABL**, 2021. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/pos-verdade>. Acesso em: 7 out. 2021.

ANDREASSA, Luiz. O que é polarização e por que é prejudicial à democracia? | **Politize!** 30 jul. 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/o-que-e-polarizacao/>. Acesso em: 20 set. 2023.

Aristóteles. Coleção Os Pensadores. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural (1984).

AVILA, Arthur Lima de. Qual passado escolher? Uma discussão sobre o negacionismo histórico e o pluralismo historiográfico. **Revista Brasileira de História**, v. 42, n. 87, p. 161184, ago. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93472021v42n87-09>. Acesso em: 22 set. 2023.

BARBOSA, J. Ideologias e regimes autocráticos chauvinistas: fundamentos e influências. **Revista Espaço Acadêmico**. n° 175. 2015.

BECKER, Clara. É falso que, em 2013, Hillary disse que Trump é honesto e não pode ser comprado. Ln: **Lupa. Uol**. Rio de Janeiro - RJ, 23 nov. 2018. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2018/11/23/verificamos-trump-hillary>. Acesso em: 28 set. 2023.

BOQUADY, Natália Ribeiro Levy. **Democracia e internet: os impactos das mídias digitais nas eleições gerais de 2018**. 2018. 86 p. UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA FACULDADE DE DIREITO, Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério Público Federal. **Caso Lava Jato**. Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/grandes-casos/lava-jato>. Acesso em: 18 set. 2023.

BRASIL PARALELO (Porto Alegre). A história da Maria da Penha pode ter mais nuances do que parece à primeira vista. 2023. Disponível em: https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/a-historia-da-maria-da-penha-pode-ter-maisnuances-do-que-parece-a-primeira-vista?utm_medium=artigos. Acesso em: 20 set. 2023.

BRASIL PARALELO (Porto Alegre). Uma esquerda totalitarista e fascista? Conheça o autor que se decepcionou com o PT e hoje critica a ditadura do pensamento único. 2023. Disponível em: https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/uma-esquerda-totalitarista-e-fascista-conhecao-autor-que-se-decepcionou-com-o-pt-e-hoje-critica-a-ditadura-do-pensamentounico?utm_medium=noticias. Acesso em: 23 set. 2023.

BRASIL PARALELO. O que Paulo Freire defendia? 2023. Disponível em: www.brasilparalelo.com.br/artigos/o-que-paulo-freire-defendia. Acesso em: 15 ago. 2023.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Por um partido democrático, de esquerda e contemporâneo. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo: Lua Nova, n. 39,

1997, pp. 53-71.

CANALTECH.Tudo sobre WikiLeaks - **História e Notícias**. Disponível em:<https://canaltech.com.br/empresa/wikileaks/>. Acesso em: 10 set. 2023.

CANARD, Donald. O significado da eleição de Donald Trump. **Marxismo e Autogestão**, v. 05, n. 08, 2018. Disponível em: <https://redelp.net/index.php/rma/article/view/996/944>. Acesso em: 5 set. 2023.

CASTRO, Roberto C.G. Platão contra os sofistas: sobre a retórica. **Convenit Internacional**. 12 maio-agosto 2013 CEMOrOc-Feusp / IJI - Univ. do Porto / FIAMFAAM – Comunicação Social. Disponível em: <http://www.hottopos.com/convenit12/05-14Roberto.pdf>. Acesso em: 17 de set. 2023.

CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques (comp.). **História: novos problemas**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1988, p. 17-48.

CASTRO, R. F. de. O negacionismo do Holocausto: pseudo-história e história pública. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, SP, v. 22, n. 2, p. 5– 12, 2015. DOI: 10.20396/resgate.v22i28.8645773. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645773>. Acesso em: 22 mar. 2022.

DAYOUB, Khazzoun Mirched. A ordem das idéias: palavra, imagem e persuasão: a retórica. Barueri, SP: Manole, 2004. Leia mais em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/kitagay-o-que-e-mito-e-o-que-e-verdade-b60i8lo4osb19tsf2du8bmr54/> Copyright © 2023, Gazeta do Povo. Todos os direitos reservados.

DIBAI, Priscilla Cabral. A ascensão do radicalismo de direita no mundo: novos dilemas de um velho problema. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, v. 25, n. 3, p. 728, 29 dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2020v25n3p728>. Acesso em: 27 ago. 2023.

ESPÍNDOLA, Marina Horn dos Santo; PINHEIRO, Daniel Moraes. Análise do fenômeno fake news durante as eleições municipais de 2020, a partir de casos indicados pelo tribunal superior eleitoral. In: **31º Seminário de Iniciação Científica -UDESC**, Santa Catarina. Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/udesc/id_cpmenu/14739/6_16346594281061_14739.pdf

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

Gonçalves Severo, R., & Duque Estrada Campos, R.. (2020). Apresentação do Dossiê: Breves notas sobre o estudo da extrema-direita: introdução ao dossiê especial. **Revista Eletrônica Interações Sociais**, 4(1), 5–13. Recuperado de <https://periodicos.furg.br/reis/article/view/12344>

- GUARESCHI, P. Psicologia e Pós-Verdade: a Emergência da Subjetividade Digital. **PSI UNISC**, v. 2, n. 2, p. 19-34, jul. 2018. Disponível em: Acesso em: 10 jul 2020.
- KEARNEY, Richard. Narrativa. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 409-438, maio/ago. 2012. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade. Acesso em: 24 set. 2023.
- KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: **Contraponto Editora**; Editora PUC Rio, 2006.
- LANGUAGES, Oxford et al. Word of the Year 2016. **Oxford Languages**, 2016. Disponível em: <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>. Acesso em: 12 maio 2021.
- LOJKINE, Jean. O novo salariado informacional. Nas fronteiras do salariado. **Crítica Marxista**, n.25, 2007
- LUPA. **Um hub de soluções de combate à desinformação**. [S.l.]. Uol, 2015-2023. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/institucional>. Acesso em: 15 set. 2023.
- MAITINO, M. E. Populismo e bolsonarismo. **Cadernos Cemarx**, Campinas, SP, v. 13, n. 00, p. e020002, 2020. DOI: 10.20396/cemarx.v13i00.13167. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cemarx/article/view/13167>. Acesso em: 17 ago. 2023.
- MANNHEIMER, Vivian; ITUASSU, Arthur; CAPONE, Leticia. Da Guerra ao Iraque à Primavera Árabe. Mídias digitais e ativismo transnacional. **Contracampo**, Niterói, v. 38, n.3, p. 94-109, dez./mar. 2019.
- MARTINS, Rafael Moro. Como a gazeta do povo, do paraná, deu uma guinada à direita e virou porta-voz do brasil de Bolsonaro. **Intercept Brasil**, 9 dez. 2018. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2018/12/09/gazeta-do-povo-guinada-direita-bolsonaro/>. Acesso em: 4 set. 2023.
- MENDONÇA, Juliana Pina; BRITTO, Diego Alvarina. A importância da lei maria da penha como mecanismo de proteção às mulheres no direito brasileiro. **Direito UNIFACS – Debate Virtual**, n. 128, 2011. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/view/1428>. Acesso em: 5 de set. 2023.
- MENESES, Sônia. Bolsonarismo: Um problema “de verdade” para a história. In: KLEM, Bruna; PEREIRA, Mateus; ARAUJO, Valdei. **Do Fake ao Fato: des(atualizando) Bolsonaro**. Vitória: Milfontes, 2020. Cap. 3, p. 43-55. ISBN 9786586207002.
- MENESES, Sônia. Uma história ensinada para Homer Simpson: negacionismos e os usos abusivos do passado em tempos de pós-verdade. **Revista de História e Ensino, Revista História Hoje**, v. 8, n. 15, p. 66-88, 4 jul. 2019. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/522>. Acesso em: 4 out. 2021.
- MERCURI, Karen Tank; LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves de. Discurso de ódio em mídias sociais como estratégia de persuasão popular. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 59, n. 2, p. 1216-1238, ago. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/01031813760991620200723>. Acesso em: 20 ago. 2023.

MOTTA, Ana Raquel; POSSENTI, Sírio. Direita e esquerda: volver! **1ª JIED – Jornada Internacional de Estudos do Discurso**, 2008. Disponível em: <http://www.dle.uem.br/jied/pdf/DIREITA%20E%20ESQUERDA%20motta%20e%20possenti.pdf>. Acesso em: 9 set. 2023.

OLIVEIRA, Caroline. Impeachment 5 anos: a relação entre junho de 2013 e a ascensão da extrema direita. **Brasil de fato**. 18 abr. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/04/18/impeachment-5-anos-a-relacao-entre-junho-de-2013-e-a-ascensao-da-extrema-direita>. Acesso em: 24 set. 2023.

O Brasil vai às urnas: as campanhas eleitorais para presidente na TV e internet. / Organizado por Pedro Chapaval Pimentel, Ricardo Tesseroli. – Londrina: Syntagma Editores, 2019. 326 p.

OGASSAWARA, Juliana Sayuri; BORGES, Viviane Trindade. O historiador e a mídia: diálogos e disputas na arena da história pública. **Revista Brasileira de História**, v. 39, n. 80, p. 37-59, abr. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93472019v39n80-02>. Acesso em: 2 de set. 2023.

OLIVEIRA FILHO, Pedro De. et al. A identidade da nova direita brasileira em narrativas de seus militantes. **Psicologia USP**, v. 33, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/01036564e210105>. Acesso em: 23 out. 2023.

OLIVEIRA, José Sílvio de. Movimento Sofístico na Grécia (séculos V e IV a. C.): o trabalho de ensinar. **Conjectura: filos. e Educ.**, Caxias do Sul, v. 23, n. 3, p. 513-540, 2018. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217846122018000400006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 nov. 2023.

O QUE é pós-verdade? - Mario Sergio Cortella. 17 ago. 2020. 1 vídeo (11 min 32 s). Publicado pelo canal Canal do Cortella. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SrewDDw_M_Q. Acesso em: 20 ago. 2023.

PASTI, André; GALLAS, Luciano. A mídia antipetista: quem está por trás do portal “O Antagonista”? **Le Monde Diplomatique Brasil**, 26 out. 2018. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/midia-antipetista-por-tras-do-portal-o-antagonista-2/>. Acesso em: 3 ago. 2023.

PENA, M. V. J. Hirschman e a retórica da reação. **Brazilian Journal of Political Economy**, 13(1), 162–167. (1993) Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-31572000-0706>. Acesso em: 16 nov. 2023.

PORFÍRIO, Francisco. "Michel Foucault"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/michel-foucault.htm>. Acesso em 24 set. 2023.

PORFÍRIO, F. René Descartes: biografia, filosofia e frases. **Mundo Educação**. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/filosofia/rene-descartes.htm>. Acesso em: 24 set. 2023.

PROJETO CREDIBILIDADE. **The Trust Project**. Disponível em: <https://www.credibilidade.org/>. Acesso em: 24 set. 2023.

REIS, José Carlos. **História e Teoria**. Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade. 3ª ed. Rio de Janeiro: ed. FGV, 2006. [1ª ed. 2003]

RICHARDSON, Roberto Jarry. (et al.) **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SALGADO, Julia; FERREIRA JORGE, Mariana. Paralelismos em disputa: O papel da Brasil Paralelo na atual guerra cultural. **Revista ECO-Pós**, v. 24, n. 2, p. 726-738, 30 nov. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.29146/ecopos.v24i2.27797>. Acesso em: 12 out. 2023.

SOARES, Wellington. Conheça a o "kit gay" vetado pelo governo federal em 2011. **Nova Escola**. 1 fev. 2015. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/84/conheca-o-kit-gayvetado-pelo-governo-federal-em-2011>. Acesso em: 24 out. 2023.

SALATIEL, Jose Renato. Watergate - 40 anos - Escândalo marcou relação entre poder e imprensa. In: **Uol**. Disponível em: <https://vestibular.uol.com.br/resumo-dasdisciplinas/atualidades/watergate--40-anos-escandalo-marcou-relacao-entre-poder-eimprensa.htm#Direto%20ao%20pon>. Acesso em: 9 out. 2023.

SILVA DE OLIVEIRA, André; RODRIGO DE MESSIAS LEITE, Breno; SILVA MARQUES, Rodolfo. As novas direitas no Brasil e as estratégias de comunicação política nas mídias sociais. **Em Tese**, v. 18, n. 2, p. 245-269, 29 set. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1806.5023.2021.e78974>. Acesso em: 21 set. 2023.

TEIXEIRA, Yuri de Matos Mesquita. O que é "ser de direita"?. **Revista Populus**, Salvador, n. 10, p. 199-224, jun. 2021.

TESICH, S. A government of lies (political ethics). **The Nation**, Nova Iorque, n. 254, p. 1213, 1992.

VIEIRA, Vivian Patricia Peron. O papel da comunicação digital na primavera árabe: apropriação e mobilização social. In: **V Congresso da Compólitica**, 2013, Curitiba - PR.: Universidade Federal do Paraná, 2013. p. 1-22. ISBN ISSN 2236-6490. Disponível em: http://compolitica.org/novo/anais/2013_GT05-VivianPatriciaPeronVieira.pdf. Acesso em: 12 out. 2023.

VEIGA, Luciana Fernandes; DUTT-ROSS, Steven; MARTINS, Flávia Bozza. Os efeitos da economia e da Operação Lava-Jato na popularidade da Presidente Dilma Rousseff no período pré-impedimento. **Revista de Sociologia e Política**, v. 27, n. 72, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-987319277202>. Acesso em: 15 out. 2023.

WENDLING, Mike. Como o termo 'fake news' virou arma nos dois lados da batalha política mundial - **BBC News Brasil**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional42779796>. Acesso em: 20 set. 2023.

WIKILEAKS. About. 2013. Disponível em: <https://wikileaks.org/>. Acesso em: 16 nov. 2023.